



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES – CCTA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

MATHEUS VIEIRA DE MELO DA COSTA CIRNE

RELATÓRIO DA WEB REPORTAGEM

**“Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas trincheiras da
pandemia: colo, humanização e protagonismo”**

**JOÃO PESSOA
2022**

MATHEUS VIEIRA DE MELO DA COSTA CIRNE

RELATÓRIO DA WEB REPORTAGEM

**“Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas trincheiras da
pandemia: colo, humanização e protagonismo”**

Trabalho apresentado à disciplina TCC II, como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dra. Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho

**JOÃO PESSOA
2022**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M427ee Cirne, Matheus Vieira de Melo da Costa.

Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas trincheiras da pandemia: colo, humanização e protagonismo / Matheus Vieira de Melo da Costa Cirne. - João Pessoa, 2022.

72 f. : il.

Orientação: Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Web reportagem - Maternidade Frei Damião. 3. Enfermagem - Covid-19 - João Pessoa, PB. 4. Jornalismo - Aspectos humanos. I. Carvalho, Zulmira Nóbrega Piva de. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno: MATHEUS VIEIRA DE MELO DA COSTA CIRNE

Título do trabalho: WEB REPORTAGEM “Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas trincheiras da pandemia: colo, humanização e protagonismo”

Aprovado em 07 de dezembro de 2022, com média 10,0

BANCA EXAMINADORA

Professora orientadora: Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho

Universidade Federal da Paraíba | Departamento de Jornalismo

Assinatura:

Professora examinadora: Margarete Almeida Nepomuceno

Universidade Federal da Paraíba | Departamento de Jornalismo

Assinatura:

Professora examinadora: Patrícia Monteiro Cruz

Universidade Federal da Paraíba | Departamento de Jornalismo

Assinatura:

Dedico este trabalho à Enfermagem brasileira, que mesmo com todas as adversidades, sempre assumiu a linha de frente do cuidado em saúde no país. Sem Enfermagem não há Saúde, e é preciso que esse papel de relevância seja cada vez mais valorizado e exaltado.

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de
hábito como coisa natural, pois em tempo de
desordem sangrenta, de confusão organizada, de
arbitrariedade consciente, de humanidade
desumanizada, nada deve parecer natural nada deve
parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus por todas as oportunidades que tem colocado em minha vida e pelo privilégio de estudar em uma universidade pública federal. Falar em agradecimentos é falar sobre família e alicerces, e por isso, não poderia deixar de externar minha gratidão àqueles que me acolheram durante tantos anos. Júnior, Ju, Julinha e Aninha, muito obrigado por todo apoio, cuidado, conselhos e suporte que me foi dado durante o tempo em que estive com vocês.

Aos profissionais de Enfermagem da Maternidade Frei Damião. Mariluce, Letícia, Meiriel, Isabela, Renata e Rossana, gratidão por terem aceitado contribuir para este projeto produzido com tanto carinho.

Às mães Neylianne e Danielle, atendidas pelo projeto Hora do Colinho, obrigado pelo carinho e iniciativa em contar suas histórias de vida. Vocês são vitoriosas.

Ao pediatra Bruno Souza e à presidente do Cofen, Betânia Santos, gratidão por aceitarem contribuir para a produção da reportagem.

À minha mãe, Ana, muito obrigado por todo amor, esforço, sacrifício e abdicção. Por ter feito o impossível para me educar e me tornar o cidadão que sou hoje.

Ao meu pai, Omar, gratidão por todo cuidado e incentivo que me deu ao longo de minha trajetória.

À minha irmã, Renata, obrigado por todo companheirismo e zelo durante todos esses anos.

Aos meus avós, Ana e José, os amores da minha vida. Gratidão por toda educação e atenção que sempre tiveram comigo.

À minha querida orientadora, professora Zulmira, muito obrigado por todo carinho, confiança, motivação e por ter aceitado participar desta orientação. Meus agradecimentos também se estendem a todos os professores do curso de Jornalismo da UFPB, em especial às professoras Patrícia e Margarete.

RESUMO

Maior força da Saúde no Brasil, a Enfermagem vem ocupando posição de protagonismo no combate à pandemia da covid-19 no país. A chegada repentina do vírus escancarou a essencialidade da profissão para a garantia do cuidado à população, ao mesmo tempo em que modificou bruscamente as rotinas de trabalho das equipes e potencializou o cenário de desvalorização vivido por enfermeiros, técnicos e auxiliares. Neste sentido, os temas discutidos neste relatório são a base para a produção de uma web reportagem sobre o trabalho da Enfermagem do setor Obstétrico Covid-19 da maternidade Frei Damião, em João Pessoa, durante o enfrentamento ao novo coronavírus. Para que tal proposta seja levada a efeito, o presente trabalho realiza uma reflexão sobre o papel da Enfermagem no controle da pandemia, apresentando os conceitos e as práticas do jornalismo humanizado e do webjornalismo. A reportagem analisa de que forma a covid-19 modificou o trabalho e as relações interpessoais dos profissionais entrevistados, bem como as iniciativas tomadas pela equipe de Enfermagem do setor para superar as adversidades e oferecer assistência qualificada aos recém-nascidos e gestantes, pacientes da instituição. A reportagem possui metodologia qualitativa e faz uso do método indutivo, visto que busca a partir desta análise compreender a dimensão dos impactos do combate ao novo coronavírus nestes profissionais. A partir da análise textual, temática e interpretativa, a pesquisa está centrada em uma revisão bibliográfica e em entrevistas com profissionais de Enfermagem e outras fontes. A web reportagem está disponível em: <https://nastrincheirasdapandemia.wordpress.com/2022/11/30/231/>.

Palavras-chave: jornalismo humanizado; web reportagem; covid-19; Maternidade Frei Damião.

ABSTRACT

The greatest force of Health in Brazil, Nursing has been occupying a leading position in the fight against the covid-19 pandemic in the country. The sudden arrival of the virus opened up the essentiality of the profession to guarantee care for the population, at the same time that it abruptly changed the work routines of the teams and enhanced the scenario of devaluation experienced by nurses, technicians and assistants. In this sense, the topics discussed in this report are the basis for the production of a web report on the work of Nursing at the Frei Damião maternity hospital, in João Pessoa, during the confrontation with the new coronavirus. For this proposal to be carried out, the present work aims to present a reflection on the role of Nursing in controlling the pandemic and on the concepts and practices of humanized journalism and web journalism. The report analyzes how covid-19 has changed the work and interpersonal relationships of the interviewed professionals, as well as the initiatives taken by the maternity nursing team to overcome adversities and offer qualified assistance to newborns and pregnant women, patients at the institution. The report has a qualitative methodology and makes use of the inductive method, since it seeks from this analysis to understand the dimension of the impacts of the fight against the new coronavirus on these professionals. Based on textual, thematic and interpretative analysis, the research is centered on a bibliographic review and interviews with nursing professionals. The web report is available at <https://nastrincheirasdapandemia.wordpress.com/2022/11/30/231/>.

Keywords: humanized journalism; web report; covid-19; Frei Damião Maternity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ESPII - Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional

MS - Ministério da Saúde

OMS - Organização Mundial da Saúde

OPAS - Organização Panamericana de Saúde

SUS - Sistema Único de Saúde

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Print do website Trincheiras da Pandemia	30
Figura 2 Disposição da reportagem no website.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 HUMANIZAÇÃO, JORNALISMO ON-LINE E ENFERMAGEM: TEORIAS E CONCEITOS	15
2.1 HUMANIZAÇÃO E O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO	15
2.1.1 <i>Jornalismo Humanizado</i>	<i>15</i>
2.1.2 <i>O papel social do Jornalismo.....</i>	<i>16</i>
2.2 O JORNALISMO E A INTERNET: UMA RELAÇÃO CONSTRUÍDA	18
2.2.1 <i>Internet e webjornalismo.....</i>	<i>18</i>
2.2.2 <i>Jornalismo Longform</i>	<i>20</i>
2.3 COVID-19 E A REALIDADE DA ENFERMAGEM BRASILEIRA	22
2.3.1 <i>A chegada da pandemia e os desafios para as equipes de Saúde</i>	<i>22</i>
2.3.2 <i>A Enfermagem no enfrentamento à covid-19</i>	<i>24</i>
2.3.3 <i>Saúde mental dos profissionais de Enfermagem na pandemia</i>	<i>25</i>
3 ENFERMAGEM NAS TRINCHEIRAS DA PANDEMIA: DA PRÉ À PÓS-PRODUÇÃO	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE A.....	38

1 INTRODUÇÃO

Maior força da Saúde brasileira, a Enfermagem, atualmente composta por 2,7 milhões de profissionais, realizou papel de protagonismo no combate à covid-19 no país. Desde que a sociedade foi surpreendida por um vírus até então desconhecido e imersa em uma crise sanitária sem precedentes, enfermeiros, técnicos e auxiliares precisaram garantir a segurança da população em um momento de superlotação de leitos e falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs).

Os impactos negativos da pandemia sobre a profissão foram somados à falta de regulamentação da jornada de trabalho e a desvalorização salarial, produzindo efeitos nefastos sobre a categoria. Foram 872 óbitos e quase 65 mil infecções pelo vírus entre os profissionais, segundo dados do Observatório da Enfermagem do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen).

Além dos efeitos físicos, a saúde emocional foi duramente afetada. Diante do medo de não apenas se contaminarem, mas também de colocarem em risco parentes e amigos, muitos se isolaram do convívio familiar. De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (2022), 80% dos trabalhadores da Saúde no Brasil afirmaram viver em situação de desgaste emocional relacionado ao estresse psicológico, à sensação de ansiedade e ao esgotamento mental.

No setor Obstétrico Covid-19 da Maternidade Frei Damião, na capital paraibana João Pessoa, a situação não foi diferente. A maternidade integra a rede hospitalar do estado e é referência regional no cuidado de gestantes e recém-nascidos.

Na instituição, profissionais de Enfermagem precisaram conciliar o medo com a necessidade de cuidar de recém-nascidos cujas mães, infectadas, travavam uma batalha contra o novo coronavírus. Na Paraíba, um dos estados com a maior taxa de letalidade na Enfermagem (6,55%), 23 profissionais tombaram enquanto combatiam a doença.

Foi neste mesmo período que, motivados pelo aumento do número de óbitos maternos e de crianças órfãs na instituição, profissionais de Enfermagem do setor criaram o projeto Hora do Colinho, que busca substituir a presença da mãe ao oferecer terapia do colo para bebês. A iniciativa, institucionalizada na Paraíba através da Lei 12.178, também ganhou projeção nacional, sendo replicada em outros estados.

Ainda durante a pandemia, o protagonismo da Enfermagem no combate ao

vírus escancarou para a sociedade a essencialidade da profissão, fundamental para o andamento dos bons serviços da Saúde brasileira, e deu novo fôlego às lutas históricas da categoria, como o Piso Salarial. Foi justamente no início do período pandêmico que foi criado o Projeto de Lei (PL) 2564/20, que trata das remunerações de enfermeiros, técnicos, auxiliares e parteiras. O PL recentemente foi sancionado pela Presidência da República, após a aprovação no Congresso Nacional a partir de um raro consenso de que a Enfermagem deveria ser efetivamente reconhecida.

Diante do que foi exposto, o presente trabalho objetiva compreender como se deu o trabalho da Enfermagem do setor Obstétrico Covid-19 da Maternidade Frei Damião, em João Pessoa, durante a pandemia da covid-19. Neste sentido, faz uso de uma análise centrada na compreensão de três vertentes principais: dos efeitos do vírus na saúde e na rotina de trabalho destes profissionais; das iniciativas realizadas pela Enfermagem da instituição para oferecer cuidado aos seus pacientes; da luta da categoria pela defesa do Piso Salarial, fato que esteve intrinsecamente ligado à atuação da categoria na pandemia.

Destarte, para levar a cabo tal objetivo, este relatório divide-se em quatro capítulos, realizando, em um primeiro momento, a introdução do trabalho (Capítulo 1). Em um segundo momento, apresenta uma análise do papel da Enfermagem no combate à pandemia e dos efeitos deste trabalho na saúde mental, bem como apresenta uma breve retrospectiva do surgimento do novo coronavírus no Brasil e no mundo.

Subsequentemente, apresenta, a partir de obras de estudiosos das temáticas, os conceitos de jornalismo humanizado, webjornalismo e jornalismo *longform*, utilizados na construção da reportagem. (Capítulo 2). Em um último momento, destrincha e o processo de pré-produção, produção e pós-produção da reportagem (Capítulo 3).

De caráter exploratório, a metodologia da web reportagem é considerada qualitativa por realizar uma análise do trabalho dos profissionais de Enfermagem do setor Obstétrico Covid da Maternidade Frei Damião na pandemia. Ademais, faz uso do método indutivo, visto que busca a partir desta análise compreender a dimensão dos impactos do combate ao novo coronavírus nestes profissionais. Por meio da análise textual, temática e interpretativa, a pesquisa decorre de uma metodologia centrada em revisão bibliográfica e em entrevistas com enfermeiros e técnicos de Enfermagem.

2 HUMANIZAÇÃO, JORNALISMO ON-LINE E ENFERMAGEM: TEORIAS E CONCEITOS

2.1 HUMANIZAÇÃO E O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO

O jornalismo é marcado pelo papel social que exerce, na medida em que é porta-voz da sociedade e de suas demandas. Ricardo Kotscho (1995) afirma que o fazer jornalístico é um processo que exige observação, percepção e expressão do mundo. Para o autor, é importante ir além do factual com o objetivo de assimilar os fenômenos sociais em sua totalidade.

Neste sentido, o subcapítulo divide-se em: (2.1.1) uma contextualização, a partir de estudiosos do tema, sobre o jornalismo humanizado; (2.1.2) uma análise do papel social do jornalismo.

2.1.1 Jornalismo Humanizado

Tratar de um tema sensível como o trabalho da Enfermagem na pandemia influi na busca por uma abordagem humanizada. A escolha por esta vertente na abordagem jornalística se dá pela sensibilidade da temática tratada, buscando uma abordagem intimista e próxima das realidades dos profissionais que serão retratadas.

Se o jornalismo à luz do positivismo se posiciona profissionalmente na relação Sujeito - Objeto, os autores Cremilda Medina e Jorge Ijuim defendem a relação Sujeito - Sujeito. Para Ijuim (2005), pode parecer redundante falar sobre a humanização dentro do fazer jornalístico, visto que o jornalismo, em sua essência, se caracteriza por ser uma atividade social humana, voltada aos interesses humanos e às suas reivindicações, seja nas esferas social ou cultural.

Ainda para o autor, é papel do jornalismo a produção dos relatos das ações humanas. Estas narrativas, por sua vez, não devem ser vistas como provas científicas da verdade, mas como percepções sensoriais medidas pelo jornalista.

Para Alberto Dines (1986), ao buscar a humanização do relato, o jornalista deve dar a informação completa ao leitor, perpassando o passado, o presente e o futuro. É preciso contextualizar o texto com o intuito de aproximar a audiência da matéria.

O leitor de hoje não quer apenas saber o que acontece à sua volta, mas procura assegurar-se da sua situação dentro dos acontecimentos. Isto só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro. (DINES, 1986, p. 90).

Para Ijuim (2012), esta abordagem vai além dos números, buscando compreender e mostrar quem de fato são os personagens e suas aspirações, de modo a fugir de estigmas e da desumanização. É preciso conhecer o entrevistado de forma mais profunda, explorando a comunicação a fim de extrair a essência de cada um.

Ijuim e Moema Urquiza (2009) apontam que desde a leitura da pauta, o jornalista já deve estar aberto à realidade que vai encontrar, sem fazer pré-julgamentos. Segundo os autores, o profissional deve lembrar que “o ser humano jornalista reporta ao ser humano fonte”. (IJUIM; URQUIZA, 2009, p. 86). Ou seja, ambos têm suas respectivas histórias e pensamentos, porém, deve-se chegar a um consenso onde as duas partes possam entrar em acordo.

Cremilda Medina, na obra *O Diálogo Possível* (2006), explica que ao contrário do monólogo, marcado pelo caráter autoritário, o diálogo é democrático. Ao realizar uma entrevista, a maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo.

O diálogo possível, tratado nesta que é uma de suas mais célebres obras, parte justamente dessa humanização, possibilitando que a intimidade ultrapasse a técnica, fazendo com que entrevistadores e entrevistados saiam diferentes após o encontro. Ainda de acordo com Medina (2006), o jornalismo vivencia uma crise de humanização, devido aos paradigmas racionalizantes que construíram a sociedade moderna. “Paradigmas abalados, conflitos culturais e desumanização de cosmovisões sacodem as certezas técnicas e tecnológicas da comunicação social assim como os demais atos da relação entre os homens” (MEDINA, 2006, p. 68 e 69).

2.1.2 O papel social do Jornalismo

Ricardo Kotscho (1995) afirma que o fazer jornalístico é um processo que exige observação, percepção e expressão do mundo. Para o autor, é importante ir

além do factual com o objetivo de assimilar os fenômenos sociais em sua totalidade.

Neste sentido, no processo de construção de uma reportagem, Luiz Amaral (1997) entende a necessidade de que o jornalista possua: capacidade intelectual, para que o tema seja explorado com a abordagem correta e esgotá-lo até os últimos limites; observação atenta, para que o jornalista, antes de produzir o seu texto, possua informações prévias sobre o assunto e saiba de que forma elas o auxiliarão no discernimento da importância e da relevância das informações adquiridas; sensibilidade, contribuindo para a construção de um material humanizado; criatividade, sem deixar de lado a preocupação com a verdade; e narração fluente, expondo os fatos de forma atraente ao leitor.

Para Bernardo Kucinski (2000), o jornalismo é uma atividade que, no conjunto das ações comunicativas da modernidade, tem sido historicamente um dos principais instrumentos de construção da democracia e de conquista de direitos de cidadania. Criou instituições e uma cultura de intervenção no cotidiano. Constitui, ainda, uma relação social densa e demarcada, um modo específico de buscar e narrar a informação.

Deste modo, como descreve Victor Gentili (2005), o jornalismo possui um compromisso com a sociedade. O autor pensa a profissão como:

[...] uma atividade indispensável no mundo contemporâneo, como o instrumento que viabiliza o direito à informação, onde os jornais desempenham a função de mediadores e os jornalistas, individualmente, de representantes do leitor, telespectador e ouvinte, como indivíduos, consumidores e cidadãos. Assim as potencialidades do jornalismo podem se realizar num ambiente de democracia, pluralismo e mercado. (GENTILLI, 2005, p. 142).

Neste sentido, retratar a Enfermagem, como é o objetivo da web reportagem produzida, implica em apresentar uma categoria profissional que representa a maior força da Saúde brasileira. Mesmo com toda a importância que exercem para a qualidade de vida da população, seus profissionais ainda não possuem valorização efetiva.

Não há jornada de trabalho regulamentada, aposentadoria especial, descanso digno e dimensionamento adequado. O Piso Salarial, uma luta de quase três décadas, foi recentemente aprovado, mas ainda enfrenta batalhas judiciais que podem impedir sua efetiva implementação no território nacional.

Barbeiro e Lima (2013) definem que os jornalistas e os meios de comunicação

não são simples espelhos da sociedade, mas sim seus agentes estruturadores da realidade, e consideram que a prática jornalística está diretamente ligada ao processo de construção social, sendo o jornalismo uma das formas de comunicação central para o discurso público.

Destarte, é papel do jornalismo ser porta-voz da sociedade, exercendo a cidadania e cumprindo com a missão de transferir a realidade e a verdade para a sociedade, como bem preconizada no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), aprovado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

2.2 O JORNALISMO E A INTERNET: UMA RELAÇÃO CONSTRUÍDA

Com o advento e o desenvolvimento do mundo digital, é possível perceber que o webjornalismo está em constante expansão e adaptação. Segundo Sônia Padilha (2010), o jornalismo on-line pode ser caracterizado como a coleta e distribuição de informações por redes de computadores, ou por meios on-line, como as plataformas digitais. Corroborando com esta visão, Canavilhas (2006) considera que este meio de produção jornalística está alienado ao jornalismo de rede, sendo também marcado pela coleta, pelo desenvolvimento e pelo disparo de informações.

Para Mariana Conde (2018), no campo do jornalismo os processos de produção e consumo de conteúdo, bem como as rotinas produtivas e as práticas acadêmicas, são reformulados à medida que inovações tecnológicas surgem e se desenvolvem. Para a autora, atualmente:

[...] os conteúdos jornalísticos não se restringem ao texto escrito e podem ser acessados em diferentes modalidades de comunicação – como áudios, vídeos e infográficos, animados ou não, em formatos não lineares, de hipermídias e interativos – e em uma ampla variedade de dispositivos. O jornalismo foi além dos websites, adentrando as plataformas móveis e desenvolvendo-se por meio de aplicativos específicos (CONDE, 2018, p. 9).

Desta forma, este subcapítulo está dividido em: (2.2.1) uma análise do desenvolvimento do jornalismo on-line e dos conceitos do webjornalismo; (2.2.2) uma apresentação dos conceitos e das características do jornalismo no formato *longform*.

2.2.1 Internet e webjornalismo

A internet é, hoje, elemento simbiótico da vida em sociedade. Presente na realidade de cada vez mais cidadãos, a web reproduz efeitos na cultura e na comunicação. Segundo Dominique Wolton (2003), a expansão do jornalismo digital, especialmente com a ascensão da web 2.0, passou a alcançar pessoas que antes estavam inacessíveis.

Quando a internet ainda se desenvolvia, os meios de comunicação, na época relutantes, não consideravam a web como um novo meio informacional, mas apenas como uma ferramenta para distribuição de conteúdos. Conforme informa Alves (2006), a internet era vista como extensão dos jornais, com a transposição do conteúdo de páginas para a tela, com poucas adaptações.

De acordo com Lévy (1999), à medida em que a ocupação da internet pelos veículos de comunicação passou por um processo de evolução, foi vista a necessidade de produção de conteúdos jornalísticos adequados ao meio virtual. Para Canavilhas (2006), esta segunda fase de desenvolvimento do jornalismo no campo cibernético é chamada de Modelo Adaptado.

Nesta etapa, a transposição de conteúdo ainda permanece. No entanto, os jornalistas passam a elaborar uma estética própria para a internet, fazendo uso de novas ferramentas oriundas do mundo na web, como os hiperlinks. Foi ainda nesta fase que as *home pages* dos jornais passaram a contar com *layout* próprio, distanciando-se dos jornais impressos.

O terceiro estágio, classificado por Canavilhas (2006) como Modelo Digital, tem como características a ampliação da utilização do hipertexto e inclusão de espaços para que leitores pudessem interagir, a exemplo das seções de comentários. Já a fase final de adaptação do jornalismo à internet, conhecida por Modelo Multimídia, é marcada pelo planejamento de conteúdos, com ênfase para a interatividade e a integração de diferentes mídias.

Este modo de se fazer jornalismo, com a produção de conteúdo focada nas ferramentas on-line, é caracterizado por Canavilhas (2006) como Webjornalismo ou Ciberjornalismo. Esta modalidade é marcada pela introdução de novas narrativas e alteração de formas preexistentes.

Além da possibilidade de realização de constantes atualizações e do hipertexto, os jornais em versões on-line passaram a contar com conteúdos que integram recursos distintos, como texto, som, imagens, vídeos e infográficos, que se

relacionam ao longo das reportagens em uma linguagem própria da internet.

Com esta nova configuração, a leitura passa a ser menos engessada, permitindo ao leitor acompanhar o texto jornalístico da forma que desejar. Canavilhas (2014), no livro "Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença" elenca as características fundamentais do webjornalismo, a saber: Interatividade, permitindo que o público se sinta parte do processo de produção da informação; Personalização, possibilitando que usuários tenham acesso aos produtos jornalísticos adequados às suas preferências; Hipertextualidade, permitindo a interconexão de novos conteúdos por meio de links dentro de um mesmo site ou em páginas externas; Multimedialidade, fazendo com que diferentes formatos de mídias, como texto, sons e vídeos interajam entre si; Memória, ao acumular informações antigas que permitem a reconstrução da história; Instantaneidade, característica ligada nova distribuição da informação marcada por feeds de notícias e linhas do tempo que passam por constantes atualizações; e Ubiquidade, referente a possibilidade de produtos jornalísticos na internet serem acessados em todos os lugares do mundo, excedendo os limites do tempo e do espaço.

Segundo Wolton (2003), nenhum destes conceitos associados à internet são novos. Para o autor, dentro da mídia, a web se constitui como uma nova plataforma, ao lado do rádio e da televisão, sem a existência de hierarquias entre elas.

Segundo o pensamento de Mielniczuk (2004), cabe aos jornalistas romper as rupturas para que o webjornalismo possa se firmar como uma opção singular e atrativa para o consumo de informação. O webjornalismo é, neste sentido, a representação da busca por uma nova linguagem dentro do meio jornalístico.

2.2.2 Jornalismo Longform

Na língua inglesa, o termo *longform* é utilizado para definir o tratamento profundo e extenso de um determinado assunto. De acordo com Longhi e Winkes (2015), apesar de não se tratar de uma classificação exclusiva do jornalismo no ambiente online, o conceito foi revisitado nos estudos do webjornalismo.

Segundo a pesquisadora Mary Clare Fischer (2013), o tamanho do texto não é a característica definitiva dessa forma narrativa. Não obstante, uma vez que os usos do termo e da analogia são bastantes comuns, a autora defende que o termo "longo" se refira não ao número de palavras, mas sim ao trabalho jornalístico de apuração e

edição desempenhado antes que a reportagem tenha sido publicada.

Para a autora, os pilares do jornalismo *longform* são: "um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão da produção jornalística diária, bem como as narrativas apresentadas de formas atrativas, frequentemente com elementos multimídia que realçam o trabalho" (FISCHER, 2013, tradução nossa).

Desta forma, o modelo de reportagem *longform* se diferencia não apenas pelo tempo de leitura e aprofundamento dos temas, mas também pelo tempo de apuração, contextualização e cuidado estilístico. Longhi (2014) destaca que a abundância do texto verbal presente neste formato representa um resgate de qualidades já conhecidas no jornalismo impresso, consagradas no formato de grande reportagem.

Miranda, Baldessar e Cavenaghi (2015) afirmam que, por demandar um envolvimento maior com o produto, o modelo *longform* é comumente utilizado em matérias não-factuais, especialmente as consideradas especiais. De acordo com Longhi e Winkes (2015), diversos veículos de referência mundial têm adotado este formato em produções, a exemplo do *The New York Times*, *The Guardian* e Folha de São Paulo.

Outros veículos, como o *Buzzfeed*, *The Huffington Post* e *The Verge* também passaram a incluir o *longform* em produções regulares. Ainda, há o surgimento de empresas que giram em torno do jornalismo *longform*, como sites de compilações de textos, a exemplo do Longform.org e Longreads.com, bem como plataformas de reportagens financeiras e sites de conteúdo pagos, como o *The Atavist*.

No Brasil, a sustentabilidade econômica desse nicho está diretamente atrelada a diversos outros fatores, como a qualidade de acesso à internet, nível de leitura do público no país e o aprimoramento de aplicativos e plataformas digitais para *smartphones*. Não obstante, com o desenvolvimento tecnológico, os dispositivos móveis possibilitaram a leitura de textos por tempos prolongados.

Deste modo, convém inferir que existe um nicho de mercado aberto para o esse tipo de jornalismo, na medida em que narrativas transmídia buscam por um novo modelo de negócio para o jornalismo na internet.

2.3 COVID-19 E A REALIDADE DA ENFERMAGEM BRASILEIRA

Para que se possa compreender o papel da Enfermagem brasileira na pandemia e de que forma a covid-19 modificou a rotina de trabalho da categoria, é fundamental analisar a realidade da categoria que já estava posta antes da chegada do vírus, bem como o contexto de surgimento do novo coronavírus não apenas no país, mas em todo o mundo.

O desenvolvimento de uma pandemia silenciosa colocou à prova a atuação das equipes de Saúde em todo o mundo e revelou o protagonismo destes trabalhadores, especialmente os da Enfermagem. No Brasil, enfermeiros, técnicos e auxiliares representam um montante significativo da força de trabalho da Saúde, conforme aponta a Pesquisa da Enfermagem no Brasil (2016), elaborada pelo Cofen e pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Muito em parte pelo grande quantitativo de profissionais, mas também pela presença da Enfermagem nas mais variadas áreas da Saúde brasileira, coube a esta categoria o papel primordial de conter a disseminação do vírus e salvar o maior número possível de vidas. No entanto, a pandemia da covid-19 ampliou desigualdades e fragilizou ainda mais uma realidade de desvalorização vivida pela Enfermagem no país.

Neste sentido, este subcapítulo divide-se em: (2.3.1) uma análise da chegada da pandemia; (2.3.2) uma contextualização da realidade enfrentada pela Enfermagem e o papel dos profissionais no enfrentamento à covid-19; (2.3.3) uma análise sobre a saúde mental dos profissionais de Enfermagem na pandemia.

2.3.1 A chegada da pandemia e os desafios para as equipes de Saúde

Era 31 de dezembro de 2019 quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu alertas sobre a incidência de diversos casos de pneumonia na cidade chinesa de Wuhan, na província de Hubei. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades de Saúde da China confirmaram a identificação de um novo tipo de coronavírus, que ainda não havia sido encontrado em seres humanos.

Conforme caracterizado pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS), este é um tipo de vírus comum. O seu grupo, composto por sete coronavírus, é a

segunda principal causa de resfriado leve. Não obstante, apesar da forte disseminação, estes vírus raramente causavam doenças mais graves em humanos.

De acordo com a OPAS (2020), antes da covid-19, seis coronavírus humanos já tinham sido encontrados, a saber: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV. O novo coronavírus foi nomeado, em 11 de fevereiro de 2020, de SARS-CoV-2.

O anúncio da primeira vítima fatal da doença ocorreu em 11 de janeiro. No dia 20 daquele mesmo mês, a China anunciou que o surto da covid-19 era uma emergência sanitária. Nas semanas seguintes, os casos apresentaram crescimento exponencial.

Em 22 de janeiro, a OMS realizou a primeira reunião do Comitê de Emergências, em um momento de incertezas sobre se o surto constituiria ou não uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). No Brasil, a Secretaria de Vigilância do Ministério da Saúde (SVS/MS) ativou mecanismos de resposta já no início de janeiro e o MS elevou o alerta de emergências para o nível 2, considerando-o como um perigo iminente, ainda em 28 de janeiro. Nessa época, Itália, França e Estados Unidos confirmaram os primeiros casos do novo coronavírus.

Segundo Marques, Silveira e Pimenta (2021), foi ainda no mês de janeiro que a covid-19 rompeu as barreiras da China e se alastrou com maior força por todo o mundo. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado um pouco mais tarde, em 26 de fevereiro.

Com o avanço célere do vírus por todas as regiões do país, as primeiras medidas de isolamento começaram a ser tomadas por estados e municípios em 11 de março. Escolas começaram a ser fechadas e quarentenas passaram a ser instituídas. Capitais como Manaus entraram em colapso.

A curva de casos e óbitos diários evoluiu assustadoramente. No dia 7 de agosto, o Brasil atingiu a triste marca de 100 mil óbitos por covid-19, com média de mais de mil mortes por dia. De acordo com Bueno, Souto e Matta (2021), nessa ocasião, o Ministério da Saúde destacou a importância do referido tratamento precoce, uma vez que, no início da pandemia, a orientação era manter-se em casa até que os sintomas como falta de ar se agravassem. Porém, na resposta brasileira, o papel da atenção primária, especialmente o dos agentes comunitários de Saúde e dos níveis secundários de atenção à Saúde não foi claramente definido, e estes níveis não foram estruturados para que a atenção à covid-19 se desse de forma integral e coordenada.

2.3.2 A Enfermagem no enfrentamento à covid-19

2,7 milhões de profissionais. Uma categoria formada por enfermeiros, técnicos e auxiliares que trabalham nos locais mais variados deste Brasil, muitas vezes nos contextos mais adversos.

Segundo dados da Pesquisa Perfil da Enfermagem Brasileira (2016), cerca de 63% destes trabalhadores recebem até R\$ 3 mil reais por mês. Deste modo, alguns profissionais ainda se encontram em condições caracterizadas como subemprego, ou seja, quando não há regularidade ou vínculo empregatício.

Em decorrência dos baixos salários, milhares de trabalhadores da profissão são empurrados para duplas, às vezes triplas jornadas, chegando a atuar com cargas horárias superam as 60 horas semanais. Ademais, convém ressaltar que a categoria não possui conquistas trabalhistas e luta até hoje pelo piso salarial, pela regulamentação da jornada de trabalho e pela aposentadoria especial, bem como diversas outras demandas fundamentais para a valorização profissional.

De acordo com Gandra *et al* (2021), a Enfermagem brasileira é caracterizada como a primeira força de trabalho na área da Saúde, além de compreender a segunda maior força de trabalho do setor em todos os outros países ao redor do mundo.

A categoria apresenta ampla capilaridade em diferentes campos e serviços da Saúde, está fortemente inserida na Rede de atenção à Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) e possui atuação direta nos setores público, privado e filantrópico.

Para Trezza, Santos e Leite (2008), a Enfermagem está configurada como uma prática social, visto que desenvolve atividades por e para pessoas, produzindo conhecimentos que sustentam seu cuidado.

Historicamente, o arcabouço de conhecimento da Enfermagem foi desenvolvido pela força de trabalho feminina. Mulheres pioneiras dentro da profissão, como Florence Nightingale -precursora da Enfermagem mundial-, e Anna Nery, -patrona da Enfermagem no Brasil-, foram responsáveis pela criação e sistematização da Enfermagem enquanto profissão e ciência do cuidado.

O protagonismo feminino se estende até os dias atuais. Segundo Lombardi e Campos (2018), as mulheres representam 85,6% do total da mão-de-obra da Enfermagem no Brasil. Outro ponto relevante a ser destacado é a questão de raça e de cor que permeia a profissão. Dados da pesquisa Perfil da Enfermagem Brasileira (2016) constataram que mais da metade dos profissionais são negros e pardos,

principalmente entre técnicos e auxiliares, trabalhadores de ensino médio.

Este é o retrato da Enfermagem no Brasil. Uma categoria que antes da chegada da covid-19 já estava esgotada e sobrecarregada.

O aparecimento dos primeiros casos do novo coronavírus no país logo escancarou para a população brasileira a essencialidade da Enfermagem no controle da doença e no salvamento de milhares de vidas. Sobre esse protagonismo, Gandra *et al* (2021) afirma que:

O controle da doença ressaltou de maneira expressiva o papel essencial que esses trabalhadores e trabalhadoras desempenham na proteção à vida das pessoas e no fortalecimento dos sistemas de saúde. Dentre as profissões que atuam no enfrentamento à pandemia, destaca-se a enfermagem, com ações de cuidado integral às pessoas infectadas, medidas de prevenção e práticas de educação em saúde que envolvem aspectos técnico-científicos e de humanização. (GANDRA *et al*, 2021, p. 3).

Não obstante, para uma categoria que já estava fragilizada, a pandemia da covid-19 ampliou desigualdades e agravou ainda mais problemas relacionados à saúde física, mental e psíquica dos profissionais que constituem a Enfermagem. Não apenas pelo grande quantitativo de profissionais, mas também pelas características próprias do cuidado integral no processo de trabalho da categoria.

De acordo com Huang *et al* (2021), em artigo para a revista *The Lancet*, o volume de procedimentos, manuseio de equipamentos, admissão de pacientes, maior tempo de permanência em contato com pessoas infectadas e superfícies contaminadas, além das extensas jornadas de trabalho aumentam a exposição e, de forma consequente, agravam os riscos de contaminação.

Contribuindo para a potencialização desses problemas, observou-se no Brasil a falta de medidas institucionais eficazes para garantir as condições de segurança no trabalho e auxiliar no enfrentamento ao novo coronavírus. Minayo e Freire (2020) também alertam para a escassez de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a falta do correto dimensionamento das equipes de Enfermagem, em decorrência dos incipientes recursos humanos nas unidades hospitalares.

À estas adversidades, somaram-se os problemas crônicos já enfrentados pela Saúde brasileira, como o subfinanciamento do SUS, congelamento de gastos no setor, deterioração dos serviços e precarização da força de trabalho.

2.3.3 Saúde mental dos profissionais de Enfermagem na pandemia

Entre os efeitos mais maléficos causados pela pandemia, estão as implicações na saúde mental dos profissionais de Saúde. Com a sobrecarga dos sistemas de saúde, os aspectos psicológicos e comportamentais passaram a receber influências negativas e ocasionar sintomas adversos, como insegurança, insônia, incapacidade, alcoolismo e depressão, conforme aponta Torales *et al* (2020).

De acordo com Humerez, Ohl e Neri (2020), "o exercício profissional da Enfermagem é marcado por múltiplas exigências: lidar com dor, sofrimento, morte e perdas, a que se somam às condições desfavoráveis de trabalho e baixa remuneração" (HUMEREZ; OHL; NERI, 2020, p. 3) Esses fatores, em conjunto, potencializam a emergência de estresse, e até mesmo da síndrome de *burnout*, termo criado para classificar o desgaste físico e psíquico dos profissionais que lidam com alta tensão emocional em seus trabalhos.

Mesmo com a missão de cuidar da vida, o resultado da atuação dos profissionais de Enfermagem pode, algumas vezes, resultar em danos irreversíveis que geram sequelas graves ou ainda óbitos. Por natureza, em decorrência da responsabilidade que a profissão carrega, é possível inferir que o trabalho de Enfermagem é gerador de sofrimento psíquico

Neste sentido, Humerez, Ohl e Neri (2020) argumentam que:

No cotidiano, o trabalho desenvolvido pela equipe de enfermagem é gerador de sentimentos ambíguos: ora colabora para vivências de prazer, ora para vivências de sofrimento. Isto se dá porque há possibilidade de ser útil enquanto servem, ajudam e confortam, porém, ao se deparar com o sofrimento. (HUMEREZ; OHL; NERI, 2020, p. 3).

Para Aline Toescher *et al* (2020), dentre os profissionais da Saúde, os da Enfermagem são os que enfrentam um maior número de desafios adicionais durante surtos de doenças infecciosas, como a sobrecarga de serviço, falta de recursos humanos e materiais, além das preocupações com a própria saúde, bem como a dos familiares e de pacientes.

Para agravar ainda mais essa situação de angústia, os profissionais precisam lidar com uma rede diária de *fake news*, que descredibiliza o trabalho da Saúde e enfraquece os cuidados da população em relação ao novo coronavírus.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em documento divulgado em 2020, observou que os trabalhadores da Enfermagem pressionados com essa realidade apresentaram grandes níveis de ansiedade, com grande probabilidade de

adoecimento e de surgimento de graves problemas de saúde mental.

Segundo dados do Cofen divulgados também em 2020, após a realização de fiscalizações *in loco* em 5.780 instituições de Saúde em todo o Brasil, foi averiguado que cerca de 4.602 profissionais estavam afastados por suspeita de contaminação por covid-19. O índice alerta para a alta taxa de contaminação que existiu na categoria, especialmente nos primeiros meses da chegada do vírus no país.

3 ENFERMAGEM NAS TRINCHEIRAS DA PANDEMIA: DA PRÉ À PÓS-PRODUÇÃO

A web reportagem “Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas Trincheiras da Pandemia: colo, humanização e protagonismo”, desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso, foi iniciada com pesquisas sobre o retrato da Enfermagem brasileira e paraibana, além de estudos sobre o trabalho dos profissionais da categoria no combate ao novo coronavírus. Devido à complexidade da profissão e sua alta capilaridade nas mais diversas áreas da Saúde, optou-se por um recorte temático dos profissionais de Enfermagem do setor Obstétrico Covid-19 da Maternidade Frei Damião, localizada no centro de João Pessoa (PB).

A escolha por essa instituição de Saúde foi oriunda do relevante trabalho realizado pela equipe de Enfermagem da unidade, bem como pela importância do público-alvo atendido, composto por recém-nascidos e gestantes, duas das parcelas da população mais vulneráveis à covid-19. Foi no período pandêmico que os profissionais de Enfermagem do setor criaram o projeto pioneiro “Hora do Colinho”, que oferece colo humanizado aos bebês privados da presença materna. A iniciativa virou lei não apenas na Paraíba, mas também em outros estados. No Congresso Nacional, tramita um Projeto de Lei (PL) para instituir a Hora do Colinho em todo o território nacional.

A escolha pelo tema se deu por afinidades pessoais. O acesso aos profissionais se deu por meio de Mariluce Ribeiro, enfermeira da maternidade, cujo trabalho já conhecia. Para que as entrevistas pudessem ser realizadas com os profissionais da Frei Damião, foi necessário elaborar e encaminhar um ofício com a solicitação à diretoria da instituição.

A partir da pesquisa preliminar, foi iniciado o processo de pré-produção da web reportagem. À luz do conceito de webjornalismo e das tendências do jornalismo on-line, buscou-se inserir diferentes recursos midiáticos. Sob a ótica do jornalismo *longform*, objetivou-se criar uma reportagem extensa, detalhadamente apurada e com variadas fontes, especialmente os profissionais de Enfermagem que atuaram no setor oferecendo assistência aos pacientes nos momentos mais críticos da pandemia.

A reportagem foi baseada em três eixos norteadores, a saber: (i) uma análise dos efeitos da pandemia na rotina e na saúde dos profissionais de Enfermagem entrevistados; (ii) uma contextualização do projeto Hora do Colinho, de modo a

ressaltar o protagonismo de enfermeiros, técnicos e auxiliares do setor; (iii) uma análise, a nível nacional, da luta da categoria por sua valorização profissional.

O debate sobre a seleção dos entrevistados e os direcionamentos da web reportagem contaram com o suporte da orientadora do trabalho, professora Zulmira Nóbrega. Os principais questionamentos levantados para nortear a apuração foram: De que forma a pandemia alterou a sua rotina de trabalho? "A pandemia produziu efeitos negativos sobre a sua saúde física e mental?" "Quais os maiores desafios durante o trabalho nos períodos mais críticos do enfrentamento ao novo coronavírus?".

Buscando conhecer a realidade dos profissionais do setor Obstétrico Covid-19 da Frei Damião, foram elaboradas uma série de oito perguntas, realizadas a todos os trabalhadores entrevistados. O objetivo era identificar padrões ou diferentes pontos de vista para as mesmas perguntas.

Ademais dos trabalhadores da Enfermagem do setor, a reportagem conversou com duas mães que no momento da gravidez foram internadas com covid-19 e tiveram seus filhos atendidos pela Hora do Colinho. Um questionário com sete perguntas foi elaborado, de modo a compreender as experiências no enfrentamento à doença e a visão de cada uma sobre a importância do projeto.

Também foi entrevistado o médico e vice-presidente da Sociedade Paraibana de Pediatria, Bruno Souza. A entrevista com o pediatra buscou apresentar um olhar da medicina sobre a Hora do Colinho, de modo a fortalecer, através da opinião de um profissional de outra categoria, a importância do projeto.

Na busca em estabelecer um olhar macro sobre a luta da Enfermagem por valorização profissional, foi entrevistada a presidente do Conselho Federal de Enfermagem, Betânia Santos. Entre as principais demandas da categoria, está a conquista do Piso Salarial. Após décadas de luta, o projeto virou em lei em agosto, porém foi suspenso após decisão do Supremo Tribunal Federal. A reportagem aborda a relação entre a desvalorização profissional e a pandemia, de modo a evidenciar o agravamento do flagelo no qual a Enfermagem brasileira está exposta.

No total, foram realizadas entrevistas com dez personagens. A maioria das entrevistas ocorreram de forma on-line, por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp* e por telefone. A conversa com a presidente do Cofen foi realizada em formato presencial.

Realizei a produção de todos os infográficos. As fotografias foram cedidas pelos entrevistados para uso no trabalho. Uma delas, presente no último capítulo, foi

feita por mim.

Durante o processo de entrevistas, a lista de fontes foi alterada, devido às indicações dos entrevistados. Ao final do processo, a produção da reportagem foi iniciada com a escrita do texto, de modo a abarcar os elementos de uma web reportagem e construir uma narrativa *longform*. Os recursos de multimídia foram introduzidos ao longo da reportagem, de modo a tornar a leitura dinâmica e interativa.

O processo de escrita contou com alguns percalços, como problemas no processo criativo. No geral, a construção da reportagem foi fluida, em grande parte devido à pesquisa prévia que realizei sobre a temática e a partir da conversa com as fontes.

Quanto aquilo que gostaria de fazer mas não pude, destaco a vontade de entrevistar um número maior de fontes e abordar com maior criticidade algumas questões sociais que permeiam a Enfermagem no Brasil.

O domínio do site foi criado na plataforma *WordPress*, em versão gratuita. A escolha levou em conta a praticidade do site, que possibilita fácil personalização e edição sem custos. A web reportagem elaborada para este projeto foi intitulada "Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas Trincheiras da Pandemia: colo, humanização e protagonismo ". O trabalho conta com a inclusão de diversos hiperlinks, cinco vídeos e cerca de 40 mil caracteres.

Figura 1 | Print do website *Trincheiras da Pandemia*



Fonte: <https://wordpress.com/pt-br/>

Figura 2 | Disposição da reportagem no website

“Para proteger minha mãe com câncer e meus filhos, cheguei a trocar de casa com a minha irmã”

Rossana Araújo, enfermeira assistencial da Frei Damião, conta que a pandemia alterou completamente sua rotina de trabalho. A maior mudança, sem dúvidas, foi sentida na carga horária. Não era comum que seus colegas testassem positivo para a covid-19. Ficando impossibilitados de assumirem suas funções na instituição, cabia aos profissionais que não contrairam a doença o papel de preencher as lacunas nas jornadas.

Rossana possui 35 anos e revela que chegou a trocar de casa com a irmã por cinco meses, tudo para proteger seus filhos e sua mãe, que na época estava em tratamento para o câncer.

“Tive bastante medo de colocar a minha família em risco. Minha mãe idosa, mora comigo no início da pandemia havia acabado de realizar um tratamento contra um câncer. Sua vulnerabilidade era inquestionável”, conta.

“Também possuo três filhos pequenos. No dia 20 de março de 2020, decidi trocar de casa com minha irmã. Ela e meu sobrinho foram morar na minha residência com meu filho, minhas filhas e nossa mãe. Eu e meu marido fomos para o apartamento dela. Até agosto, mês em que retornei ao meu lar, estabelecemos o completo distanciamento físico e passamos a nos comunicar apenas por chamadas de vídeo”, complementa.



Fonte: <https://wordpress.com/pt-br/>

O processo de pós-produção contou com a inserção da reportagem no site, levando em conta elementos como design e formatação. Foi feita a escolha por um design “clean”, que permitisse a compreensão e a leitura facilitada por parte dos leitores.

A formatação buscou mesclar textos com imagens e vídeos, realizando a inserção destes dois elementos por meio do formato “coluna”, presente no *WordPress*. Pelo grande número de imagens na reportagem, em algumas seções foram utilizadas galerias.

O site conta ainda com uma página inicial (home), onde há uma breve introdução da reportagem antes de o leitor seguir para a página principal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A web reportagem "Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas Trincheiras da Pandemia: colo, humanização e protagonismo " permitiu a compreensão dos efeitos do trabalho de enfrentamento ao coronavírus na rotina dos trabalhadores de Enfermagem do Setor Obstétrico Covid-19 da Maternidade Frei Damião, em João Pessoa.

Ao fazer uso dos elementos do webjornalismo e do texto em formato *longform*, espera-se que a reportagem possa retratar o trabalho de enfermeiros, técnicos e auxiliares do setor, ressaltando o protagonismo da categoria na oferta de cuidado humanizado e de assistência qualificada aos pacientes.

A Enfermagem exerce papel de extrema importância na garantia da qualidade de vida da população. Na pandemia, tem evitado o colapso da saúde, atuando diretamente na assistência e no combate à covid-19. Não obstante, os efeitos dessa atuação foram responsáveis por agravar desigualdades e a situação de vulnerabilidade social e salarial que muitos profissionais já estavam inseridos.

Neste sentido, a pesquisa e as entrevistas revelaram que a pandemia modificou bruscamente o trabalho da categoria, gerando consequências negativas para a saúde física e mental dos entrevistados. Dentro do lar, o peso de combater um vírus letal fez com que os profissionais se isolassem do convívio familiar. Alguns chegaram até mesmo a sair de casa para proteger parentes, como relatado por uma entrevistada.

Ansiedade, taquicardia e sensação de pânico foram alguns dos sintomas relatados pelos profissionais durante as conversas. De acordo com os resultados da pesquisa da Fiocruz intitulada "Condições de Trabalho dos Profissionais de Saúde no Contexto da Covid-19" (2021), a pandemia afetou substancialmente a vida de 95% dos profissionais da Saúde brasileiros. As visitas aos familiares e amigos, especialmente aqueles mais idosos, foram atividades que não puderam mais ser praticadas. Este dado foi refletido na rotina dos profissionais da Frei Damião.

É importante compreender que os efeitos maléficos da pandemia sobre a Enfermagem não se resumem apenas àqueles oriundos do trabalho no combate ao novo coronavírus. As consequências da doença e do trabalho na linha de frente para a saúde destes profissionais são inegáveis, mas é necessário que se entenda que elas foram somadas a uma conjuntura sistêmica de desvalorização. Destarte, a web

reportagem destinou um capítulo para contextualizar e analisar esta realidade. Foi possível perceber como a chegada da pandemia fragilizou ainda mais a categoria, levando a situações de esgotamento.

Este relatório, de modo a complementar a pesquisa e a compreensão da web reportagem, buscou destrinchar e contextualizar conteúdos e aportes teóricos que ajudaram na construção do texto. Em um primeiro momento, foi apresentada uma breve retrospectiva do surgimento da covid-19 no mundo e sua chegada ao Brasil, bem como o papel da Enfermagem no combate à pandemia. Deste modo, foi possível compreender a rápida disseminação da doença e os desafios que o vírus representou para as equipes de Enfermagem no país.

Em um segundo momento, foi apresentado o conceito de jornalismo humanizado, à luz de estudiosos da temática. Tratar de um tema sensível como o trabalho da Enfermagem na pandemia influi na busca por uma abordagem com maior cuidado. A escolha por esta vertente na abordagem jornalística se deu pela sensibilidade da temática, buscando uma interpretação intimista e próxima das realidades dos profissionais.

Para Ijuim (2012), o jornalismo humanizado vai além dos números, buscando compreender e mostrar quem de fato são os personagens e suas aspirações, de modo a fugir de estigmas e da desumanização. É preciso conhecer o entrevistado de forma mais profunda, explorando a comunicação a fim de extrair a essência de cada um.

Deste modo, foi possível perceber como a abordagem humanizada contribuiu para o desenvolvimento da reportagem, permitindo um contato mais próximo e a consequente obtenção de um maior número de informações relevantes das fontes.

Posteriormente, o relatório apresentou os conceitos de webjornalismo e jornalismo *longform*, utilizados na construção da reportagem. A busca pela incorporação dos elementos desses formatos objetivaram tornar a leitura do texto menos engessada e mais dinâmica, fazendo uso de recursos próprios do jornalismo para a internet, como a multimidialidade. Em um último momento, foram apresentados os processos de pré-produção, produção e pós-produção da web reportagem.

Deste modo, após a construção da reportagem e deste relatório, foi possível compreender que os profissionais de Enfermagem são fundamentais para a garantia de um cuidado qualificado à população brasileira. Com a chegada da covid-19, desafios foram impostos e as consequências para a saúde e a rotina desses trabalhadores perduram até hoje.

Na Frei Damião, o protagonismo da categoria foi refletido no trabalho diário de enfermeiros, técnicos e auxiliares. Como fruto da busca pela oferta do melhor cuidado possível aos pacientes, foi elaborado o projeto Hora do Colinho, iniciativa pioneira que ganhou abrangência em todo o país.

Neste sentido, o trabalho buscou ressaltar a relevância do trabalho da Enfermagem do setor Obstétrico Covid-19 da Maternidade Frei Damião, de modo a evidenciar a essencialidade desses profissionais no combate à pandemia. A luta continua por uma Enfermagem valorizada e sem profissionais adoecidos pelas cargas horárias exorbitantes e pelos baixos salários. Não há exagero ao afirmar que sem a Enfermagem não há Saúde. É fundamental que o trabalho da categoria seja exaltado e efetivamente reconhecido.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo digital: Dez anos de web...e a revolução continua**. Braga: Revista Comunicação e Sociedade, 2006. 9 p.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: Matéria de Primeira Página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Jornalismo para Rádio TV e Novas mídias**. São Paulo: Elsevier, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/309732597/Manual-de-Jornalismo-Para-Radio-TV-e-Novas-MidiasNodrm#>. Acesso em: 18 ago. 2022. 232 p.

CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

_____. Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. In: **Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online**. Covilhã: Livros Labcom, 2003. 10 p.

CONDE, Mariana Guedes. **Temas em jornalismo digital: histórico e perspectivas**. Curitiba: InterSaberes, 2018. 332 p.

BRASÍLIA. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Fiscalização identifica 4.602 profissionais afastados por suspeita de COVID-19**. 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/fiscalizacao-identifica-4-602-profissionais-afastados-por-suspeita-de-COVID-19_79347.html. Acesso em: 25 nov. 2022.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. São Paulo: Summus, 1986.

FISCHER, Mary Clare. Longform: Means More Than Just a Lot of Words. **American Journalism Review**, Maryland, dez. 2013. Disponível em: <https://ajr.org/2013/12/17/longform-means-just-lot-words/>. Acesso em: 3 set. 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Condições de Trabalho dos Profissionais de Saúde no Contexto da Covid-19**, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude#:~:text=Os%20dados%20indicam%20que%2043,a%20necessidade%20de%20improvisar%20equipamentos>). Acesso em: 02 out. 2022.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br>. Acesso em: 10 out. 2022.

GANDRA, Elen Cristina *et al*. Enfermagem brasileira e a pandemia de COVID-19: desigualdades em evidência. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 1-7, fev. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/ccWCPqt8ffm4fbDFvgb68gL>.

Acesso em: 12 nov. 2022.

GENTILLI, Víctor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2005. 180 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=kQFhFU18fLgC&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 19 ago. 2022.

HUANG Chaolin *et al.* Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **Lancet**, Reino Unido, v. 395, p. 487-506, jan. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(20\)30183-5/fulltext](https://www.thelancet.com/article/S0140-6736(20)30183-5/fulltext). Acesso em: 18 out. 2022.

HUMEREZ, Dorisdaia Carvalho de; OHL, Rosali Isabel Barduchi; SILVA, Manoel Carlos Neri da. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia Covid-19: ação do Conselho Federal de Enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 25, p. 1-10, abr. 2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1099598/7-74115-v25-pt.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2020.

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 7, n. 2, p. 1-20, dez. 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>. Acesso em: 19 ago. 2022.

IJUIM, Jorge Kanehide; URQUIZA, Moema Guedes. Autoria e humanização em Neide Duarte. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, ano 6, n. 1, p. 85- 97, jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p85>. Acesso em: 18 out. 2022.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 4-50.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, Saúde e Cidadania. **Interface**, São Paulo, v. 4, n.6, p. 181-186, fev. 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47868242_Jornalismo_saude_e_cidadania. Acesso em: 19 ago. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. dd. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>. Acesso em: 13 out 2022.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set./dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660>. Acesso em: 18 out. 2022.

LOMBARDI, Maria Rosa; Campos Veridiana Parahyba. A Enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação no campo profissional. **Revista da ABET**, São Paulo, n. 17, p. 28-46, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/capa/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MACHADO, Maria Helena. **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil: Relatório Final**. Rio de Janeiro: Nerhus-Daps-Ensp/Fiocruz, 2017. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/index.html>. Acesso em: 17 set. 2022.

MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na web. In: CONGRESSO DA SOPCOM, 2, 2001, Lisboa. **Anais** [...]. Colvilhã: Universidade da Beira Interior, 2001, p. 1-9. Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FREIRE, Neyson Pinheiro. Pandemia exacerba desigualdades na Saúde. **Revista de Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yFSBrKr7Tvz9Rg4vhCWx6rQ/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MIRANDA, Cristiane Fontinha; BALDESSAR, Maria José; CAVENAGHI, Beatriz. Modelos de construção narrativa no jornalismo digital no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0678-1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2006. 96 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Atualização da estratégia frente à covid-19**. Genebra: OMS, 2020. *E-book*. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/COVID-strategy-update-14april2020.pdf?sfvrsn=29da3ba0_19. Acesso em: 17 nov. 2022.

PADILHA, Sônia. A contribuição do webjornalismo na construção da sociedade do conhecimento. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Covilhã, p. 1-14, abr. 2010. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

TORALES, Júlio *et al.* The outbreak of COVID-19 coronavirus and its impact on global mental health. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 4, p. 317-320, mar. 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0020764020915212>. Acesso em: 28 nov. 2022.

TREZZA, Maria Cristina Figueiredo; SANTOS, Regina Maria dos; LEITE, Josete Luzia. Enfermagem como prática social: um exercício de reflexão. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 61, n. 6, p. 904-908, dez. 2008 Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/TTsS93vLyVr4mggBgGmjhkL/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?:** uma teoria crítica das novas mídias. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 3-32.

APÊNDICE A

ENFERMAGEM DA MATERNIDADE FREI DAMIÃO NAS TRINCHEIRAS DA PANDEMIA: COLO, HUMANIZAÇÃO E PROTAGONISMO

O trabalho da Enfermagem no setor obstétrico covid-19 da Maternidade Frei Damião no combate ao novo coronavírus

Equipe do setor Obstétrico Covid-19 da Maternidade Frei Damião



Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

Era Fevereiro de 2020 quando os primeiros casos do novo coronavírus foram confirmados no Brasil. Antes, a sociedade acompanhava com apreensão os desdobramentos de uma doença que surgiu do outro lado do mundo, na China. O avanço do vírus foi rápido, e em março, um mês depois, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizava oficialmente a covid-19 como uma pandemia.

Enquanto a rotina da sociedade se modificava e as pessoas se protegiam dentro de suas casas, os serviços da assistência de enfermagem, cumprindo seu papel de cuidados com o ser humano, assumiu, como em tantas outras ocasiões, a

linha de frente da salvaguarda da saúde. O ônus deste protagonismo fez da Enfermagem brasileira a categoria que mais apresentou óbitos no mundo durante a pandemia, segundo levantamento realizado entre março de 2020 e dezembro de 2021 pela Agência Internacional de Serviços Públicos (PSI, Public Services International, da sigla em inglês) que atua com as Nações Unidas em parcerias com a sociedade civil.

Para se ter uma ideia, foram 1.184 enfermeiros mortos, o que pode ter impactado diretamente o atendimento de 21.300 pacientes. Pelas regras do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), cada enfermeiro deve atender até 18 pacientes e cada técnico/auxiliar de enfermagem, nove doentes. E até hoje o impacto na vida e saúde dos profissionais da enfermagem no Brasil, na linha de frente da Covid-19 seguem quase que inalterados.

Ainda segundo a pesquisa da PSI, as mortes entre os profissionais brasileiros de saúde ocorreram mais aceleradamente do que na população geral. E o impacto da doença foi maior nas ocupações com menores salários e mais próximas à linha de frente: auxiliares e técnicos de enfermagem morreram proporcionalmente mais do que enfermeiros, e estes, proporcionalmente, mais do que os médicos. Múltiplas jornadas de trabalho, baixa remuneração e sobrecarga de funções. A trajetória da Enfermagem brasileira é marcada por momentos difíceis. É difícil compreender como os trabalhadores da maior força da Saúde do país raramente foram valorizados de forma efetiva, mas esta a realidade existente desde a instituição da Enfermagem enquanto profissão, no ano de 1973.

A Enfermagem é hoje composta por 2,7 milhões de profissionais, um montante significativo da mão de obra da Saúde brasileira. Uma categoria que atua do atendimento básico ao atendimento hospitalar de alta complexidade. Trata-se de profissionais que acompanham a população durante todas as fases da vida e nos rincões mais longínquos do território nacional. Um trabalho essencial, mas que muitas vezes é invisibilizado. Uma rotina árdua, e que foi ainda mais intensificada com a chegada de um vírus desconhecido.

Realidade local

Em João Pessoa, na maternidade Frei Damião, no centro da cidade, o cenário pandêmico não foi diferente. Referência estadual e regional no cuidado de gestantes e recém-nascidos, a instituição precisou adequar seus processos e protocolos de

trabalho para a chegada desta nova ameaça. Mulheres grávidas e bebês continuam sendo duas das parcelas mais vulneráveis à covid-19, e nos meses em que a doença avançava de forma mais brutal, o mundo vivenciou uma verdadeira tragédia humana que desconfigurou famílias de forma definitiva.

Segundo estudo realizado por enfermeiras e obstetras da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), Universidade Federal de São Carlos (USCAR) e Universidade Federal da Santa Catarina (UFSC), o Brasil, em 2020, respondia por 77% das mortes de gestantes no mundo em decorrência da covid-19. Até 9 de julho de 2020, estimava-se que cerca de 1,5 milhão de crianças no país tinham perdido os pais ou cuidadores primários para o vírus.

Maternidade está localizada no centro de João Pessoa.



Foto: Governo da Paraíba

Diante de brutal realidade, dos riscos iminentes de mortes das gestantes provocadas com as incertezas dos protocolos com a chegada do vírus, era preciso agir, mesmo trabalhando no limite da exaustão física e emocional para salvar o maior número de vidas de mães e bebês possível. Assim, nos primeiros momentos de enfrentamento da pandemia, a maternidade Frei Damião institui o Setor Obstétrico Covid-19, voltado para a assistência de gestantes sintomáticas ou positivadas, além de recém-nascidos infectados ou que estivessem apresentando problemas respiratórios. A unidade, já desativada em decorrência da diminuição de casos, foi a

única na Paraíba preparada para oferecer cuidados especializados a esta parte da população.

Os enfermeiros do Setor Obstétrico Covid-19 da maternidade Frei Damião passam a ser a ponte mais próxima para a recuperação das gestantes e bebês, avaliando e mediando os serviços de assistência, assim como aplicando imunizantes, ou nos cuidados pós-morte, assumindo o papel de atores principais na batalha à pandemia. Para os profissionais que atuaram neste setor, a vivência diária com gestantes e bebês infectados deixou marcas profundas. Muitas grávidas viram o sonho da plena maternidade ser interrompido por não poderem sequer segurar seus filhos. Algumas chegaram a ficar meses em recuperação na UTI. Outras, não chegaram a ver seus filhos mais uma vez, pois faleceram em decorrência do vírus. Famílias, sonhos e futuros ceifados de modo repentino e doloroso. Para a Enfermagem da instituição que lidava diretamente com o cuidado dessas vidas, são momentos que jamais serão esquecidos.

Mariluce Ribeiro, de **52** anos, é profissional de Enfermagem há **26** anos e encontrava-se em meio ao olho do furacão, vivenciando de perto essa situação caótica. Enfermeira chefe da área Obstétrico Covid-19, a profissional, que trabalha na instituição à pouco mais de dois anos, conta que a pandemia modificou drasticamente a rotina de trabalho. "Tivemos um fluxo bem maior de pacientes, assim como um aumento de quadros clínicos graves. Como éramos referência na Paraíba, a maioria dos pacientes eram encaminhados para nossa maternidade", salienta.

Além do trabalho na Frei Damião, Mariluce atua no Hospital Universitário Lauro Wanderley e revela que a pandemia afetou seriamente sua saúde física e mental. "A responsabilidade no trabalho somada às incertezas sobre o avanço do vírus acabaram desencadeando constantes crises de choro e de ansiedade. Também era comum que sentisse taquicardia", revela.

Trabalho na pandemia afeta a saúde física e mental da enfermeira Mariluce Ribeiro.



Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

O medo que a acompanhava nos corredores da maternidade e do hospital onde trabalha mudou a dinâmica familiar. Com netos e pais idosos, a enfermeira buscou protegê-los. "Durante muito tempo, não sabíamos de que forma a covid-19 poderia afetar as crianças e os idosos. Com a falta de conhecimento, precisávamos nos cuidar. Por isso, deixei de ver a minha família".

A equipe recorreu à fé como forma de amparo na batalha contra o vírus e passou a realizar atividades de integração. "Começamos a adotar no início dos plantões momentos de reflexão e de oração. Isso nos dava força para enfrentar dia após dia", diz Mariluce.

Momentos de reflexão e oração ajudaram a equipe do setor a seguir adiante.

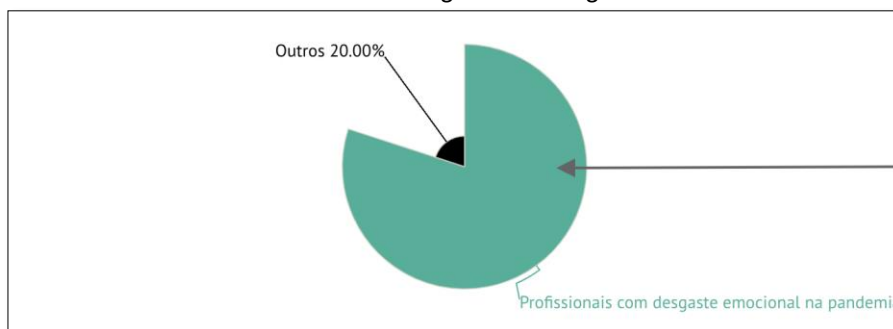


Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

"Pensei que iria morrer"

Mariluce não foi a única a sentir este temor. Diante do medo não apenas de se contaminarem, mas também de colocarem em risco aqueles que amam, muitos profissionais se isolaram do convívio familiar e passaram a viver dias de angústia e solidão. De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (2022), 80% dos trabalhadores da Enfermagem no Brasil afirmaram viver em situação de desgaste emocional relacionado ao estresse psicológico, à sensação de ansiedade e ao esgotamento mental.

Trabalhadores da Enfermagem com esgotamento mental



Fonte: Fundação Oswaldo Cruz. Elaboração: Matheus Cirne

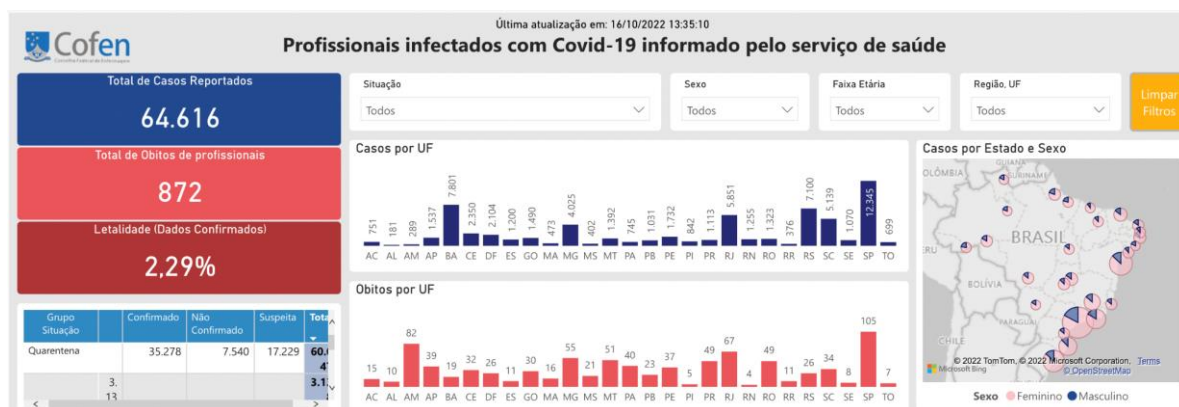
À sobrecarga emocional — que vem do temor de ser infectado, da hostilidade por que muitos passam no transporte público ou mesmo em casa, pelos companheiros — se somaram à dura rotina hospitalar, marcada pela alta exposição ao risco representado pelo novo coronavírus.

Integra este percentual a técnica de Enfermagem Meirielei Nishimori. Dentro do setor Obstétrico Covid-19, a profissional presenciou o falecimento de algumas mães e viu muitas outras com a doença entrarem em isolamento, se distanciando de seus filhos. Esta árdua rotina marcada por cenas tristes e pelo medo de contaminação, também produziu efeitos negativos sobre sua saúde.

"Em certa ocasião, minha saturação chegou a 70%. Pensei que fosse morrer e que nunca mais veria a minha família outra vez".

Este medo não foi infundado. No mundo, dentre todas as categorias que atuam na linha de frente da pandemia, foi na Enfermagem que a covid-19 fez mais vítimas. Somente no Brasil, desde a chegada do novo coronavírus até o presente momento em que esta reportagem é escrita, foram 872 óbitos e quase 65 mil infecções (64.615) pelo vírus entre os profissionais, segundo dados do Observatório da Enfermagem do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Na Paraíba, foram mais de mil casos reportados (1.031) e 23 mortes, o que representa uma taxa de letalidade de 6,55%, uma das maiores do país.

Número de óbitos de profissionais de Enfermagem por covid-19 no Brasil

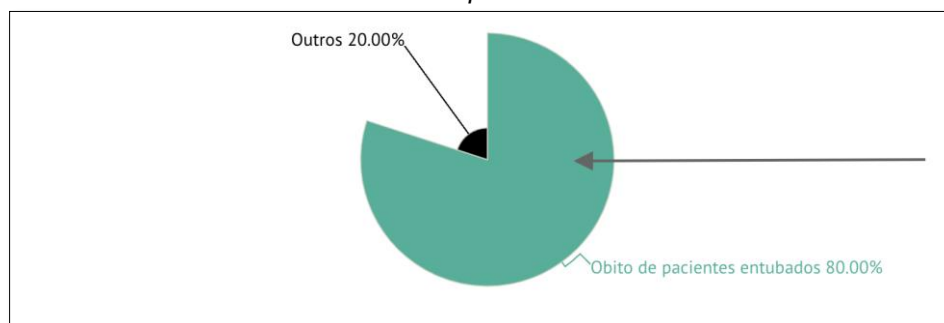


Fonte: Cofen. Elaboração: Assessoria de comunicação - Cofen

Meirieli, que possui 39 anos, também trabalha como doula, realizando o acompanhamento da gestante durante todo as fases de gravidez, parto e pós-parto. Pelo medo de uma possível contaminação fora do ambiente hospitalar, Meirieli optou por se isolar, vivendo longe do marido e dos filhos.

Falar do trabalho das equipes de Saúde na pandemia é falar de temores. No período mais grave da pandemia, um dos maiores receios da população em relação à covid-19 era de que as complicações relacionadas à doença levassem a intubação. Uma pesquisa divulgada em 2021 pela revista médica *The Lancet Respiratory Medicine* revelou que quase 80% dos pacientes que foram submetidos à intubação entre 16 de fevereiro e 15 de agosto de 2020 morreram no Brasil.

Taxa de letalidade de pacientes intubados no Brasil



Fonte: The Lancet Respiratory Medicine, 2021. Elaboração: Matheus Cirne

Os números assustam. A título de comparação, nesta mesma época, a média

mundial era de 50%, um percentual igualmente estarrecedor. Para os profissionais da linha de frente do combate ao novo coronavírus, trabalhar pela recuperação de pacientes e vê-los sendo intubados com grandes chances de não retornarem é algo difícil de lidar.

Para Letícia Silva, chefe do núcleo de Enfermagem, esta era uma realidade inconcebível. As experiências com seus pacientes intubados serão momentos difíceis de esquecer. A profissional não estava sozinha. A dura rotina a que era submetida a linha de frente do enfrentamento à covid-19 trouxe sérias consequências físicas, emocionais e psíquicas.

Dura rotina na linha de frente trouxe consequências físicas, emocionais e psíquicas para a chefe do núcleo de Enfermagem Letícia Silva.

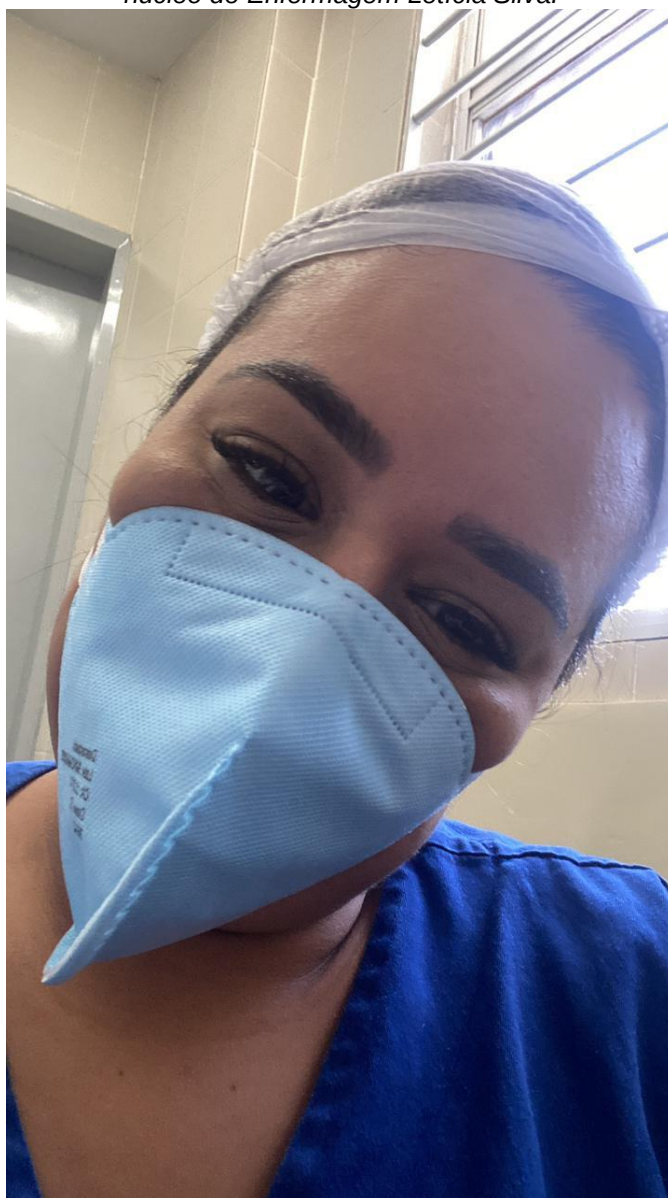


Foto: Letícia Silva (Arquivo pessoal)

"A minha vida foi modificada de uma hora para outra e de forma radical. Essa mudança brusca desencadeou ansiedade e uma sensação constante de desconforto. Acompanhar o sofrimento dos meus pacientes que eram intubados ou estavam em tratamentos intensivos, sem que nem ao menos pudessem ter contato com seus familiares, foi algo extremamente pesado", ressalta.

Com a família e os amigos, abraços e beijos, gestos simples de afeto, não puderam mais ser realizados. Ao invés disso, os contatos entre Letícia e seus conhecidos só ocorriam mediante o uso de máscaras.

Letícia Silva durante crise de ansiedade.

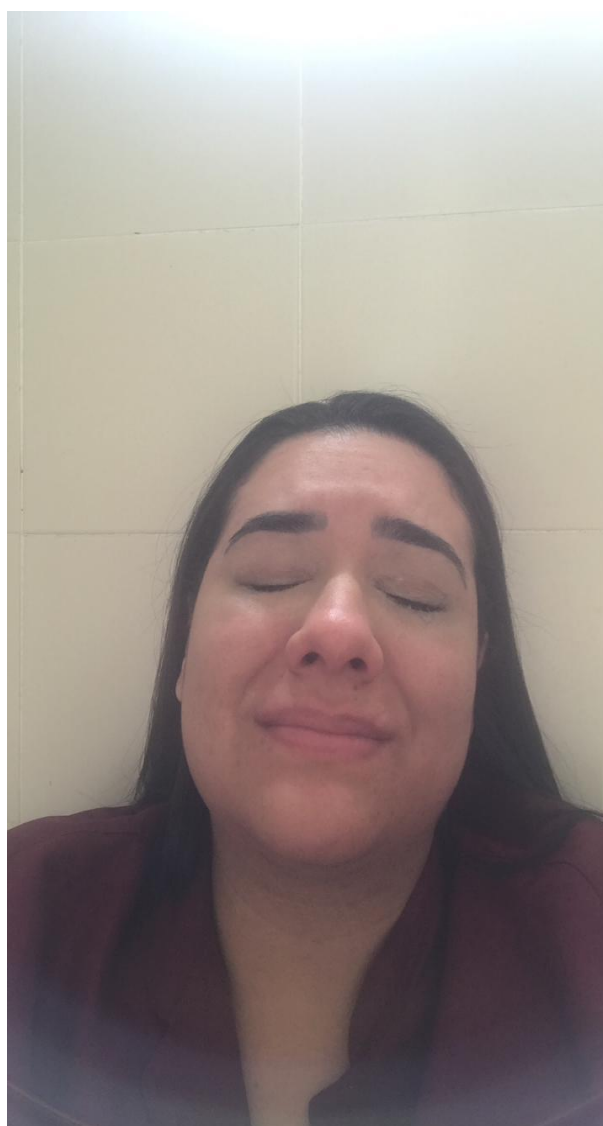


Foto: Letícia Silva (Arquivo pessoal).

A profissional chegou a contrair a doença. Após a recuperação, buscando proteger seus colegas de possíveis infecções, Letícia atuou nas campanhas de conscientização sobre o uso correto dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a importância da correta higienização das mãos e do não compartilhamento de objetos pessoais.

"Foi diante da quantidade de órfãos na maternidade que tirei força para trabalhar"

A enfermeira Isabela Furtado, que está na Enfermagem há 15 anos, 14 deles somente na Frei Damião, encontrou nos órfãos presentes na maternidade a motivação para seguir realizando seu trabalho. "Cuidar de recém-nascidos e gestantes na pandemia foi uma tarefa muito difícil. Tivemos muitos bebês que perderam suas mães e os pais sequer podiam visitá-los. A partir disso, tirei força para trabalhar e dar um pouco de calor humano aos nossos pacientes", conta.

Isabela Furtado oferece colo a recém-nascido

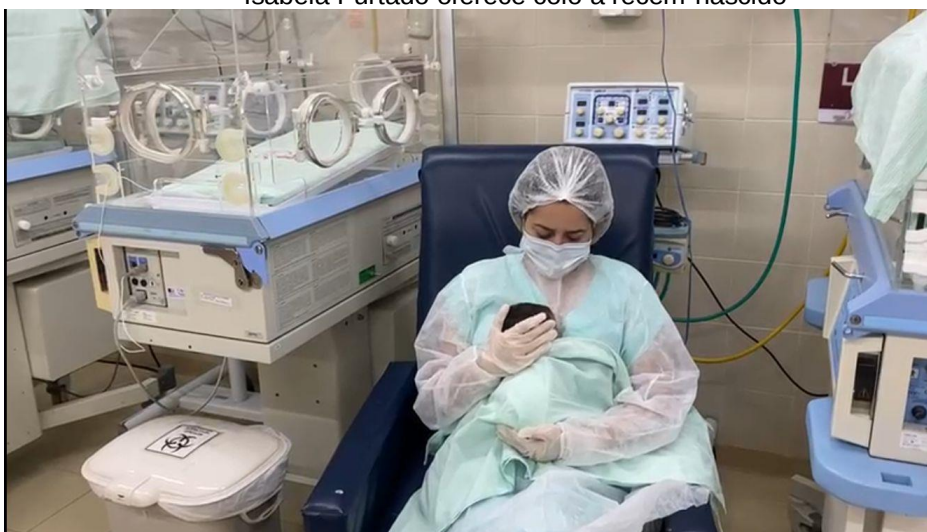


Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal).

Na Frei Damião, o aumento do fluxo de pacientes e a consequente intensificação da jornada de trabalho gerou consequências negativas sobre a profissional, que tem 38 anos e atualmente trabalha na Unidade de Cuidados Intermediários. "A pandemia me afetou duplamente. Por permanecer muitas horas em pé nos plantões, sentia dores constantes na coluna. Cheguei a ter infecção urinária por passar muito tempo sem poder tomar água ou urinar", revela.

Os efeitos foram além. "De tanto usar máscaras justas, sentia fortes dores de cabeça. A minha saúde mental também foi fragilizada. Pelo medo diário de adoecer, passei a ter crises de ansiedade e episódios de taquicardia", finaliza.

Dentro de casa, Isabela precisou modificar sua rotina. Morando com dois pais idosos, passou a se isolar dentro do quarto. As refeições, antes uma atividade comum e rotineira da vida em família, eram realizadas de forma solitária. Até a forma como ocorriam os banho precisaram ser alteradas. Quando voltava da maternidade, se banhava em um banheiro que ficava do lado externo da sua residência.

Enfermeira Isabela Furtado acalenta recém-nascida durante a pandemia.



Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

As mortes maternas também marcaram a enfermeira Renata Ramalho, de 49 anos. "Este foi um período muito sofrido, pois presenciamos o falecimento de muitas mães. Por estarmos em constante contato com familiares, acabávamos vivenciando o luto deles. Foi extremamente dolorido", destaca.

No trabalho, Renata relata ter sentido cansaço físico e mental extremo. "Além de todas as dificuldades enfrentadas na pandemia, a rotina de trabalho foi totalmente modificada e o contato com meus colegas passou a ser mínimo", conta.

Dentro de casa, igual a suas colegas, passou a se isolar. "Tive muito medo de contaminar meus familiares e amigos, porém como profissional de saúde atuante na linha de frente, me protegi o máximo que pude, fazendo uso de máscaras e de hábitos de higiene das mãos".

"Para proteger minha mãe com câncer e meus filhos, cheguei a trocar de casa com a minha irmã"

Rossana Araújo, enfermeira assistencial da Frei Damião, conta que a pandemia alterou completamente sua rotina de trabalho. A maior mudança, sem dúvidas, foi sentida na carga horária. Não era comum que seus colegas testassem positivo para a covid-19. Ficando impossibilitados de assumirem suas funções na instituição, cabia aos profissionais que não contraíram a doença o papel de preencher as lacunas nas jornadas.

Rossana Araújo tem 35 anos e revela que chegou a trocar de casa com a irmã por cinco meses, tudo para proteger seus filhos e sua mãe, que na época estava em tratamento para o câncer.

Enfermeira Rossana, ao centro, com filhos, marido, mãe e irmã.



Foto: Rossana Araújo (Acervo pessoal)

"Tive bastante medo de colocar a minha família em risco. Minha mãe idosa, mora comigo no início da pandemia havia acabado de realizar um tratamento contra um câncer. Sua vulnerabilidade era inquestionável.

"Também possuo três filhos pequenos. No dia 20 de março de 2020, decidi trocar de casa com minha irmã. Ela e meu sobrinho foram morar na minha residência com meu filho, minhas filhas e nossa mãe. Eu e meu marido fomos para o apartamento dela. Até agosto, mês em que retornei ao meu lar, estabelecemos o completo distanciamento físico e passamos a nos comunicar apenas por chamadas de vídeo", complementa.

Rossana não foi a única profissional de saúde que modificou sua rotina familiar. Para muitas famílias, foi necessário realizar rearranjos domiciliares para que pudessem conviver cotidianamente com um profissional de saúde da linha de frente.

De acordo com os resultados da pesquisa *Condições de Trabalho dos Profissionais de Saúde no Contexto da Covid-19*, da Fiocruz, a pandemia afetou substancialmente a vida de 95% dos profissionais da Saúde brasileiros. As visitas aos familiares e amigos, especialmente aqueles mais idosos, foram atividades que não puderam mais ser praticadas.

Para as profissionais mulheres, o contexto pandêmico trouxe impactos ainda maiores e mais palpáveis. Dados das Nações Unidas do Brasil apontam que as trabalhadoras foram afetadas desproporcionalmente, correndo risco de perder alguns progressos em igualdade e desigualdades de gênero relacionadas ao trabalho nas últimas décadas.

As mulheres possuem maior participação nos setores de trabalho doméstico, na área da saúde e de assistência social, como apontou a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em seus relatórios sobre a pandemia. Segundo a OIT, as mulheres gastam em média quatro horas e meia por dia nos chamados "trabalhos não remunerados", que correspondem ao cuidado com a casa e a família, por exemplo. Os homens, em contrapartida, despendem cerca de uma hora e 20 minutos nestas mesmas atividades.

Deste modo, estavam mais suscetíveis ao risco de perder a renda, de se infectarem e de transmitirem o vírus. É importante ressaltar que 86,6% da força de trabalho da Enfermagem é feminina, segundo a Pesquisa Perfil da Enfermagem, realizada pelo Cofen em parceria com a Fiocruz.

Para Rossana, a distância dos filhos e da mãe afetou sua saúde mental, já

abalada devido ao intenso trabalho na maternidade. Até o Dia das Mães, uma data sempre vivenciada em família, precisou ser ajustada à nova realidade. Os tão comuns encontros de parentes marcados por abraços e gestos de afeto precisaram dar lugar às chamadas de vídeo.

Uma data festiva e de troca de afetos, o Dia das Mães precisou ser modificado e deu lugar à chamada de vídeo.



Foto: Rossana Araújo. (Arquivo pessoal)

Na maternidade Frei Damião, a Rossana ressalta que o maior impacto sentido foi cuidar de recém-nascidos sem que eles estivessem ao lado da presença materna, paterna ou familiar. "Antes da covid-19, nossas unidades eram esperançosas, cheias de cuidado materno-infantil e depois da chegada do vírus, passaram a ser vazias. Durante as duas primeiras ondas da doença cuidamos de muitos recém-nascidos órfãos, o que trouxe grande impacto emocional para as equipes", destaca.

A chegada das vacinas trouxe alívio, e a família de Rossana pôde finalmente se reunir outra vez, após 150 dias de angústia e espera. O reencontro com os filhos e a mãe simbolizou o encerramento de um ciclo difícil e o início de outro, marcado pela esperança.

Após cinco meses de isolamento, Rossana e esposo reencontraram seus filhos.



Foto: Rossana Araújo (Arquivo pessoal)

"Enfermagem é a mão que cuida, mas também o colo que aquece" - A Hora do Colinho

Projeto pioneiro de cuidado a bebês foi criado pela Enfermagem da Maternidade Frei Damião e ganhou abrangência nacional.



Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

A pandemia foi maléfica em todos os sentidos. Em uma das suas consequências mais perversas, foi responsável por adiar um momento muito esperado para as mães que acabaram de dar à luz: o primeiro encontro com seus filhos.

Uma experiência única e bastante idealizada da maternidade não pôde ser vivenciada por muitas mulheres que no momento do nascimento de seus bebês estavam contaminadas com o novo coronavírus. A ansiedade e a alegria de estarem em contato com seus pequenos e de os colocarem nos braços precisaram dar lugar à espera e a preocupação.

Com a doença, logo após o parto, as mães eram submetidas ao isolamento e algumas, com quadros clínicos graves, eram até mesmo internadas em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). Para os bebês, os efeitos da doença e da ausência materna também eram implacáveis.

A maioria dos nascimentos precisavam ocorrer de modo emergencial,

acarretando prematuridade e baixo peso. Como consequência, os recém-nascidos ficavam vulneráveis às complicações, principalmente ligadas às funções biológicas e dos sistemas nervoso e respiratório, o que demandava cuidados especiais logo nos primeiros dias de vida.

Muitos acabavam permanecendo internados por períodos de tempo elevados em unidades de terapia neonatais. No Setor Obstétrico Covid-19 da Frei Damião, esta nova e compulsória realidade incomodou a Enfermagem que ali trabalhava.

Foi em outubro de 2020, período de grande avanço da pandemia, que a enfermeira e coordenadora do setor, Mariluce Ribeiro, já introduzida no início desta reportagem, idealizou um projeto inovador para oferecer alento e cuidado aos bebês órfãos ou que estavam privados do convívio materno e familiar. Na época, a inquietação e o choro constante dos bebês chamou a atenção da profissional e de sua equipe.

Batizado de Hora do Colinho, a iniciativa consiste em um momento de relaxamento que é oferecido ao recém-nascido. Na época, durante o início do projeto, os profissionais uma vez ao dia doavam seus colos para essas crianças com o objetivo não apenas de diminuir a ausência familiar e o estresse, mas de proporcionar condições que favorecessem uma melhor recuperação por meio do acolhimento e do afeto oferecido pelo profissional. A incorporação da prática na rotina de trabalho do setor teve o apoio de toda a equipe formada por oito enfermeiros e 12 técnicos de Enfermagem.

Enfermeira oferece colinho ao recém-nascido.



Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

"Nesta época, existiram momentos em que tínhamos três órfãos ao mesmo tempo na unidade. Com o aumento de gestantes com covid-19 que interromperam a gravidez, nasceram bebês que precisavam ser encaminhados às UTIs neonatais e unidades intermediárias. O único contato que eles tinham era com a nossa equipe, já que as visitas paternas e de outros familiares eram proibidas", informa a enfermeira, que também é especialista em UTI neonatal e mestre em Ciência em Saúde.

Mariluce revela que o tempo do colo é ajustado conforme a demanda do recém-nascido. Neste mesmo momento, é adotada também a hora do soninho. "A gente apaga as luzes, coloca uma música de ninar e uma plaquinha para ninguém incomodar neste tempo", complementa.

No início do projeto, o colinho era realizado apenas pela equipe da Enfermagem, porém em pouco tempo, a atividade passou a contar com o apoio de uma equipe multidisciplinar. A parceria com as outras áreas deu certo. Dados preliminares da Maternidade Frei Damião apontaram melhoria de indicadores como tempo de sono e ganho de peso, além da redução do refluxo e do tempo de internação.

Além das estatísticas, os bons efeitos do colinho também foram logo percebidos pela equipe. "Com a ausência materna, os bebês ficavam muito estressados. Após a introdução da terapia do colo, passamos a notar que eles se tornavam mais tranquilos e tinham a qualidade do sono aprimorada", informa.

Ao falar das perdas maternas, Mariluce não consegue esconder a emoção. Ela revela que na maternidade 25 mães perderam suas vidas em decorrência da covid-19. Somente na segunda onda da doença, foram 18 óbitos.

Esta foi uma realidade reproduzida em escala nacional e continental. Em 2021, segundo dados do Ministério da Saúde, os índices de mortalidade materna no Brasil apresentaram números assustadores. O país apresentou uma taxa de letalidade entre gestantes e puérperas de 7,2%, enquanto o percentual de morte geral brasileiro figurava em 2,8%.

No ano de 2021, índice geral nacional de letalidade entre gestantes e puérperas figurava em 2,8%.



Fonte: Ministério da Saúde. Elaboração: Matheus Cirne

Grupo de alto risco, as gestantes podem evoluir com maior facilidade para as formas graves da doença, apresentando diversos sintomas, como a descompensação respiratória. Grávidas entre 32 e 33 semanas estão ainda mais vulneráveis. Na maioria

dos casos, é necessário antecipar o parto.

Segundo estudo da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) sobre a letalidade materna por covid-19 em países latinos, a maioria das mortes ocorreram no período pós-parto – seis semanas após o parto –, com média de sete dias entre o nascimento dos bebês e a morte. O parto prematuro foi a complicação perinatal mais frequente (76,9%) e 59,9% das crianças nasceram com baixo peso.

“É muito difícil ressignificar uma perda ou a ausência materna, mas saber que podemos minimizar os danos causados por este distanciamento é algo muito gratificante. Com os primeiros óbitos de gestantes e puérperas, bem como com as constantes separações de mães e filhos, foi preciso que a equipe avaliasse rapidamente o que poderia ser feito”, revelou.

No ano passado, Mariluce e sua equipe decidiram escrever um projeto e transformaram a Hora do Colinho em um Procedimento Operacional Padrão (POP) para que pudesse ser replicado em outras instituições de saúde do estado e do Brasil. “Nele consta desde o objetivo até o passo a passo para se fazer a hora do colinho de forma segura para o neonato. No protocolo, explicamos como deve ser realizada a avaliação do enfermeiro do plantão para a necessidade do colo, bem como a preparação do ambiente, a paramentação do profissional e toda técnica de retirada do bebê da incubadora com cuidado para que ele não perca calor”, diz.

Benefícios comprovados cientificamente

O pediatra Bruno Souza foi um grande entusiasta da Hora do Colinho desde a concepção do projeto. Vice-presidente da Sociedade Paraibana de Pediatria, o médico explica que os efeitos positivos da Hora do Colinho já são cientificamente atestados. “Há vários benefícios comprovados pela ciência referentes ao contato pele a pele já na primeira hora de vida do bebê. Quando esse contato permanece, os resultados são potencializados. O toque não contribui apenas em termos de afetividade, mas também em questões anatômicas e relacionadas ao desenvolvimento neuropsicomotor”.

Pediatra Bruno Souza



Foto: Rizemberg Felipe (Fonte: G1)

Para o pediatra, a Hora do Colinho traduz a humanização em seu sentido mais amplo. "O projeto mostra que quem está na Saúde não deve estar apenas preocupado em tratar doenças, mas também em promover o bem-estar físico, mental e social. Esta é uma iniciativa da Enfermagem, categoria essencial para uma assistência qualificada e que está inserida em todas as diretrizes de cuidado integral de gestantes e crianças", complementa.

Sucesso reproduzido pelo Brasil

A iniciativa de disseminar o projeto deu certo. Em pouco tempo, a Hora do Colinho ganhou abrangência nacional. Mariluce conta chegou a apresentar os resultados da do projeto para a Enfermagem dos estados de Pernambuco, Piauí, Alagoas e Sergipe.

Na Paraíba, o projeto virou lei, aprovada pela Assembleia Legislativa em dezembro de 2021. (Lei. 3.328). Seguindo o exemplo da Paraíba, a técnica também foi instituída dos estados do Acre e do Rio de Janeiro. Em maio deste ano, Mariluce chegou a receber o diploma Napoleão Laureano de honra ao mérito da Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP).

Mariluce durante entrega da honraria na CMJP.



Foto: Laisa Ribeiro (Arquivo pessoal)

Também foram criados projetos nas assembleias legislativas do Piauí, Maranhão e do Mato Grosso, mas ainda aguardam aprovação das respectivas casas. No Congresso Nacional, tramita o Projeto de Lei 2965/2021, de autoria da deputada federal paraibana Edna Henrique (PSBD/PB), para que o protocolo seja expandido em âmbito nacional.

Ao falar sobre o protagonismo da Enfermagem, a enfermeira é categórica ao definir a importância da profissão. "Enfermagem é a mão que cuida, mas também é o colo que acalenta. A Hora do Colinho nada mais que um cuidado de Enfermagem. Algo que já é da nossa essência. Abracem a nossa categoria, porque somos gigantes", pede.

As vidas tocadas pelo projeto

Mais de 200 bebês foram acolhidos pelo projeto, entre eles José Vinícius.



Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

No total, mais de 200 bebês contaram com o colo terapêutico da equipe de Enfermagem da maternidade. Entre eles, está o pequeno José Vinícius.

Sua mãe, Neylianne Duarte, contraiu a covid-19 durante a gravidez. Com as complicações da doença, o parto precisou ocorrer na trigésima semana de gestação, bem antes da média de 40 semanas necessárias para o nascimento de bebês.

A confeitadeira, que já era mãe das meninas Nyanne, Neylanne e Vanizia, conta que até a infecção pela doença, teve uma gravidez tranquila. "Sempre cuidei muito da minha saúde. Minha gestação foi normal e fiz todas as minhas atividades normalmente".

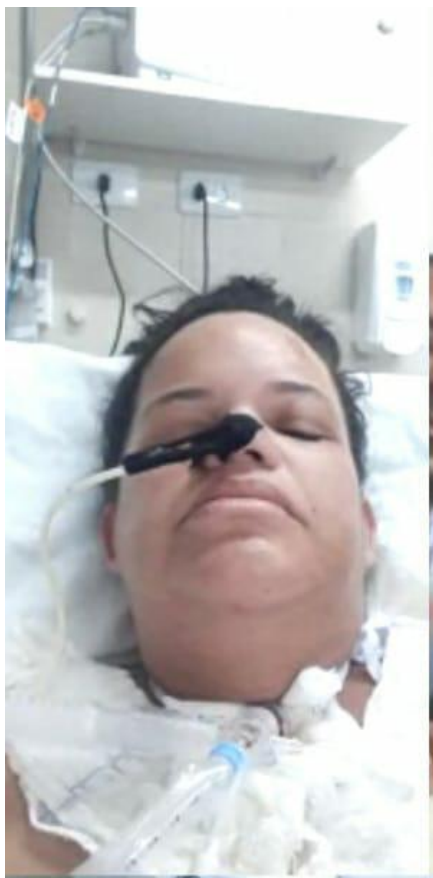
Assim como ocorreu com suas filhas, Neylianne sonhava que o parto do seu único filho fosse normal, o que não pôde acontecer. Em decorrência do agravamento das complicações trazidas pelo vírus, foi necessário interromper a gestação para que fosse realizada uma cesárea de emergência.

"Tinha o desejo que o parto do José Vinícius fosse normal, assim como foi com as minhas outras filhas. Infelizmente, fui vítima da covid-19 e José Vinícius veio ao mundo com 30 semanas. Por ser um bebê prematuro, teve que ficar por 18 dias

recebendo os cuidados necessários", destaca.

Após o parto, Neylianne foi encaminhada a uma UTI, onde precisou ser entubada por 16 dias. Ela revela que o plano da equipe que a acompanhava era de primeiro entubá-la para depois realizar a cesárea. Por um pedido dela, o procedimento de intubação ocorreu apenas após o nascimento de José Vinicius para que tivesse a chance de vê-lo pelo menos uma vez. "Caso fosse entubada, haveria a chance de não sobreviver. Não poderia arriscar perder a oportunidade de estar na presença do meu filho".

Neylianne precisou ser hospitalizada após parto de José Vinicius.



Autor: Vanilson Duarte (Arquivo pessoal)

Neylianne destaca que a fé foi uma grande aliada durante todos estes dias difíceis. "Em todo o momento, sabia que iria enfrentar muitas dificuldades, mas tinha a certeza de que iria sobreviver. O mesmo aconteceu com a minha família. Todos ficaram muito aflitos, mas nunca perderam as esperanças de que tudo iria passar", salienta.

Após a extubação, a mãe continuou hospitalizada. Foram 44 dias internada e sem ver o José Vinicius outra vez. Ao saber que seu filho estava sendo cuidado pela Hora do Colinho, a confeitadora sentiu alívio.

"Fiquei super feliz em saber que meu pequeno foi tão bem acompanhado, apesar da minha ausência enquanto estava na UTI. Sou muito grata a toda a equipe pelo acolhimento e cuidado com José Vinicius. A Hora do Colinho é uma iniciativa esplêndida e humana, que proporcionou vários benefícios para o meu filho na minha ausência.

A confeitadora não consegue mensurar o impacto que o projeto teve na sua vida e na de seu filho. "A Hora do Colinho é um gesto gigantesco de amor. São muitas as dificuldades que os recém-nascidos enfrentam quando são internados, especialmente no que diz respeito à privação de estímulos e à ausência materna. Saber que dentro de um hospital existe uma iniciativa tão maravilhosa que permite aos nossos filhos receberem toque e acalento não tem preço".

Neylianne com profissionais de Enfermagem da maternidade Frei Damião, que acompanham José Vinicius durante internação.



Foto: Isabela Furtado (Arquivo pessoal)

Após a extubação, Neylianne revela que teve uma ótima surpresa: pôde dar leite ao seu filho, algo que para a medicina era impossível. "Diante de tudo que passei, também nunca perdi a fé de que iria amamentar, fato que na teoria não era possível por conta da medicação que tomei para interromper a produção de leite e evitar o risco

de possíveis febres. Em um determinado dia, quando estava no banho, a enfermeira que me acompanhava viu que eu estava produzindo o colostro. Foi uma emoção sem fim".

Ao chegar em casa e reencontrar José Vinicius, ela conta que não sabia se o seu filho se adaptaria às rotinas de amamentação após tantos dias longe da mãe, um receio que era partilhado pelos profissionais de saúde. Felizmente, isso não aconteceu. "Todo o processo de introdução do leite foi muito tranquilo. Até hoje ele mama. Enquanto que para a minha equipe era uma dúvida, para mim era certo de que conseguiria amamentar meu filho", finaliza.

Neylianne com José Vinicius e filhas.



Foto: Vanilson Duarte (Arquivo pessoal)

José Vinícius comemorando seu mêsversário de 1 ano e 3 meses.



Autor: Neylianne Duarte (Arquivo pessoal)

Dos momentos difíceis, nasceu uma grande amizade entre Neylianne e Mariluce. Hoje, a mãe se tornou uma garota propaganda do projeto, tendo inclusive discursado durante a homenagem que Mariluce recebeu na Câmara Municipal de João Pessoa. "Sou eternamente grata a Mariluce, esta profissional que admiro muito, bem como a toda sua equipe", conta.

Neylianne e Mariluce construíram uma bela relação de amizade.



Foto: Isabela Furtado (Arquivo pessoal)

A Hora do Colinho também trouxe conforto para Danielle Nicácio. Ela é mãe da

pequena Ana Luiza, de um ano e três meses, que foi acolhida pelo projeto.

A gestão foi tranquila até o sétimo mês, quando Danielle foi diagnosticada com covid-19. O impacto emocional foi tão grande, que ela relata ter perdido a memória. "A partir deste momento, o medo havia tomado conta, o que fez com que eu me esquecesse do restante da gravidez. O que sei me foi passado pelos profissionais de Saúde e pelo meu esposo", revela.

Gestação de Danielle foi tranquila até o sétimo mês.



Foto: José Nicácio (Arquivo pessoal)

O único momento vivo em sua lembrança é o do parto. Um dia após o nascimento de Ana Luiza, os sintomas pioraram e Danielle precisou ser entubada em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Foram dez dias assim.

O parto ocorreu sem complicações, porém Ana Luiza foi diagnosticada com icterícia. Durante este tempo de ausência, coube aos profissionais da Hora do Colinho a missão de cuidarem de sua filha.

Ana Luiza ficou sob cuidados da Hora do Colinho por 10 dias.



Foto: Mariluce Ribeiro (Arquivo pessoal)

Com o avanço da doença sobre seu corpo, Danielle conta que chegou a ter 75% do seu pulmão comprometido. Após a melhora, foi encaminhada à Unidade de Decisão Clínica (UDC) da Frei Damião. No período em que estava no setor, foi diagnosticada com depressão pós-parto, o que a impedia de querer ver sua filha. Mariluce, mais uma vez, foi fundamental para a superação deste momento difícil.

"Em uma certa manhã, quando nem sabia da existência do projeto, recebi a visita de Mariluce. Ela começou a tentar me convencer de que eu deveria ver minha filha e quis me mostrar uma foto da Ana Luiza sendo cuidada por uma enfermeira. Em um primeiro momento, por conta da doença, não tive força para visualizar as imagens", destaca.

Ana Luiza recebeu muito amor dos profissionais da Hora do Colinho.



Foto: Letícia Silva (Arquivo pessoal)

Foi aí que Mariluce apresentou o projeto e contou detalhadamente como Ana Luiza estava sendo cuidada. "Ela me disse que minha filha estava recebendo muito amor e isso me deu forças para querer a foto. Este cuidado, que também chegou até mim, foi fundamental para que eu pudesse vencer esta fase", frisa.

Danielle continua. "Quando tive alta da UDC e fui para a enfermaria, pude conhecer todos aqueles que cuidaram da minha filha. A Hora do Colinho surgiu em um dos momentos mais duros da minha vida, onde não podia dar o amor que a minha filha necessitava. Eles a trataram com tanto amor, que não posso ter outro sentimento, a não ser gratidão", revela emocionada.

Sentimento de Danielle em relação ao projeto é de gratidão.



Foto: Danielle Nicácio (Arquivo pessoal)

Reconhecer para romper com as amarras da desvalorização

É importante compreender que os efeitos nefastos da pandemia sobre a Enfermagem não se resumem apenas ao novo coronavírus. Sim, as consequências da doença e do trabalho na linha de frente para a saúde destes profissionais são inegáveis, mas é necessário que se entenda que elas foram somadas a uma conjuntura de desvalorização sistemática.

Esta falta de reconhecimento da Enfermagem se traduz na ausência de conquistas básicas da categoria, especialmente da regulamentação da carga horária e do Piso Salarial. Este último, uma demanda histórica da profissão, entrou no centro do debate político na pandemia e deu força para que enfermeiros, técnicos, auxiliares e parteiras lutassem por reconhecimento efetivo.

Fruto de ampla pactuação de consensos entre o Governo Federal e os mais diversos segmentos partidários da Câmara dos Deputados e do Senado, o Piso Salarial Nacional da Enfermagem é resultado de uma luta de décadas que a Enfermagem trava em busca de sua valorização. Maior força da saúde brasileira, a categoria corresponde a um grande quantitativo de profissionais da área. No entanto, desde a regulamentação da profissão no Brasil, no ano de 1973, nunca havia conseguido êxito na aprovação de suas demandas históricas.

Desde a década de 1970, foram propostos diversos Projetos de Lei sobre o piso (PL 459/2015, 2982/2019, 1876/2019, 1268/2019, 10553/2018, 9961/2018, 1823/2015, 1477/2015, 729/2015, 597/2015, PL 2297/2020), sem que tivesse chegado a votação no plenário das casas legislativas.

Tudo mudou no ano de 2020, quando a sociedade brasileira foi surpreendida por um vírus até então desconhecido. O novo coronavírus, comumente conhecido por covid-19, surpreendeu o Brasil e o mundo, fazendo com que a humanidade fosse submersa em uma crise sanitária sem precedentes.

Diante do caos, coube aos profissionais de Enfermagem, linha de frente dos serviços de saúde, a tarefa de proteger a população. Enfermeiros, técnicos e auxiliares trabalharam para garantir uma assistência de qualidade aos infectados, lutando para salvar todas as vidas que chegavam às suas mãos. Não foi fácil. Em um momento de incertezas, foi preciso agir conciliando a superlotação de leitos nas enfermarias e nas

UTIs com a falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs).

A conta fechou, com saldo extremamente negativo. Como já informado nesta reportagem, foram 872 óbitos entre os profissionais da categoria, a maior taxa de letalidade na profissão no mundo.

Em ato, profissionais de Enfermagem homenageiam colegas mortos pela covid-19.



Foto: Afonso Ferreira (G1)

Foi neste ano em que a sociedade passou a perceber de fato o papel essencial da Enfermagem. Presentes em todos os serviços de Saúde, muitos pareciam não se dar conta de que estes profissionais estão ao lado da população em todos os momentos e que são a força motriz do Serviço Único de Saúde (SUS).

Nas redes sociais, relatos sobre a atuação de profissionais na pandemia tomaram a internet e os meios de comunicação, criando um grande movimento em prol da valorização da categoria. A técnica de Enfermagem Flávia Fernandes, no estado de Alagoas, passou a desenvolver sapatinhos de bailarina para aquecer os pés de pacientes na UTI. Já o enfermeiro Raimundo Matos, de Manaus, ganhou destaque nacional ao abraçar um paciente com síndrome de Down e acalmá-lo durante a crise de oxigênio que acometeu o estado do Amazonas.

A Enfermagem tinha invadido as casas das famílias brasileiras. Nos telejornais, nos programas de rádio e nas mídias digitais, a população estava em contato diário com a categoria, conhecendo seu trabalho e luta.

Neste cenário, a classe política precisou reagir. Foi neste mesmo ano que surgiu o Projeto de Lei 2564/20, de autoria do senador Fabiano Contarato (PT-ES).

No Senado, casa mãe do projeto, o PL foi aprovado por unanimidade e na Câmara, 97% dos parlamentares votaram a favor da proposta. Diante de todas as evidências disponíveis e da pressão da sociedade, era impossível a qualquer agente político de bom senso se colocar contra o piso. Com isso, a Lei 14.434/22 foi sancionada e entrou em vigor no último dia 4 de agosto.

Em Brasília, profissionais de Enfermagem realizaram ato em prol do Piso Salarial.



Foto: Ed Alves. (Correio Braziliense)

Resultado desta ampla pactuação e extenso diálogo democrático, a lei fixou um piso de R\$ 4.750,00 mensais para enfermeiros, sendo 70% deste valor para técnicos de Enfermagem e 50% para auxiliares e parteiras. Está assegurada a irredutibilidade salarial para profissionais que recebem valores acima dos estabelecidos.

Repentinamente, em meio às comemorações, a categoria foi surpreendida negativamente. Ainda em agosto, a Confederação Nacional de Saúde, Hospitais, Estabelecimentos e Serviços (CNSaúde) ajuizou no Supremo Tribunal Federal (STF) uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) requerendo a invalidação do dispositivo por suposto risco de demissões em massa e de prejuízos à economia.

Responsável pela análise da ação na suprema corte, o Ministro Luís Roberto Barroso, em sua primeira manifestação, suspendeu provisoriamente os efeitos da Lei 14.434/22, até que sejam estabelecidas as fontes de financiamento, ponto que ainda não tinha sido definido. Foi solicitado para ser apresentado dentro de 60 dias um estudo do impacto orçamentário decorrente da implementação do piso nos serviços de saúde públicos e privados.

A paraibana e presidente do Cofen, Betânia Santos, defende a validade do piso e argumenta que ao contrário do que os representantes de hospitais afirmam, o reajuste salarial de enfermeiros, técnicos e auxiliares beneficiará a economia. “A verdade é que além de constitucional, o piso é economicamente viável e vai trazer desenvolvimento ao país. Para se ter uma ideia, segundo estudo da Câmara dos Deputados, o custo anual para cumprir a lei e erradicar os salários miseráveis na Enfermagem representa somente 2,7% do PIB da saúde, 4% do orçamento do SUS, 2% de acréscimo na massa salarial dos contratantes e 4,8% do faturamento dos planos de saúde em 2020”, afirma.

Presidente do Cofen durante votação do PL 2564/20 na Câmara dos Deputados.

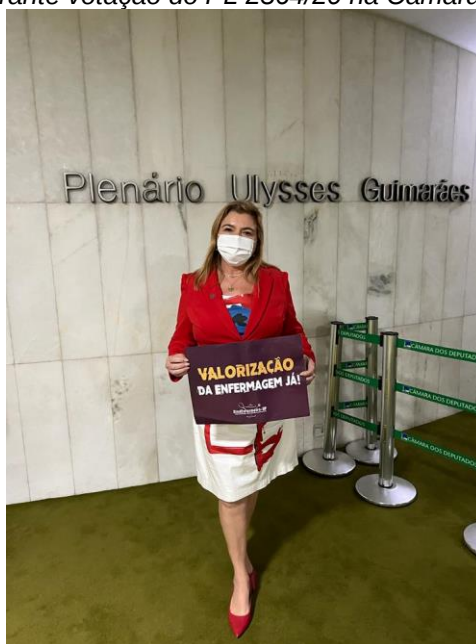


Foto: Matheus Cirne (Arquivo pessoal).

Betânia continua. "É justo que um técnico de Enfermagem receba R\$900 por 176 horas trabalhadas em um único mês? É justo que um enfermeiro que possui atribuições de extrema responsabilidade receba meros R\$1.212 mensais por 44 horas semanais? Não, não é justo, mas é isso que está acontecendo em diversas cidades e estados brasileiros".

Betânia Santos discursa durante ato em defesa do piso.



Foto: Cofen

"É enganosa a tese de que caso o piso seja efetivamente instituído a Enfermagem será responsável pelo fechamento de leitos e hospitais. Na realidade, com valorização salarial, o ambiente da Saúde ficará mais saudável, com justiça social e reconhecimento àqueles que fazem o sistema de saúde verdadeiramente funcionar", finaliza.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: Matheus Vieira de Melo da Costa Cirne

Matrícula: 20160129922

Título do Trabalho: Enfermagem da Maternidade Frei Damião nas trincheiras da
pandemia: colo, humanização e protagonismo

Professor (a) orientador (a): Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e
que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição
legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 14 de dezembro de 2022

Matheus Cirne

Assinatura do (a) discente